

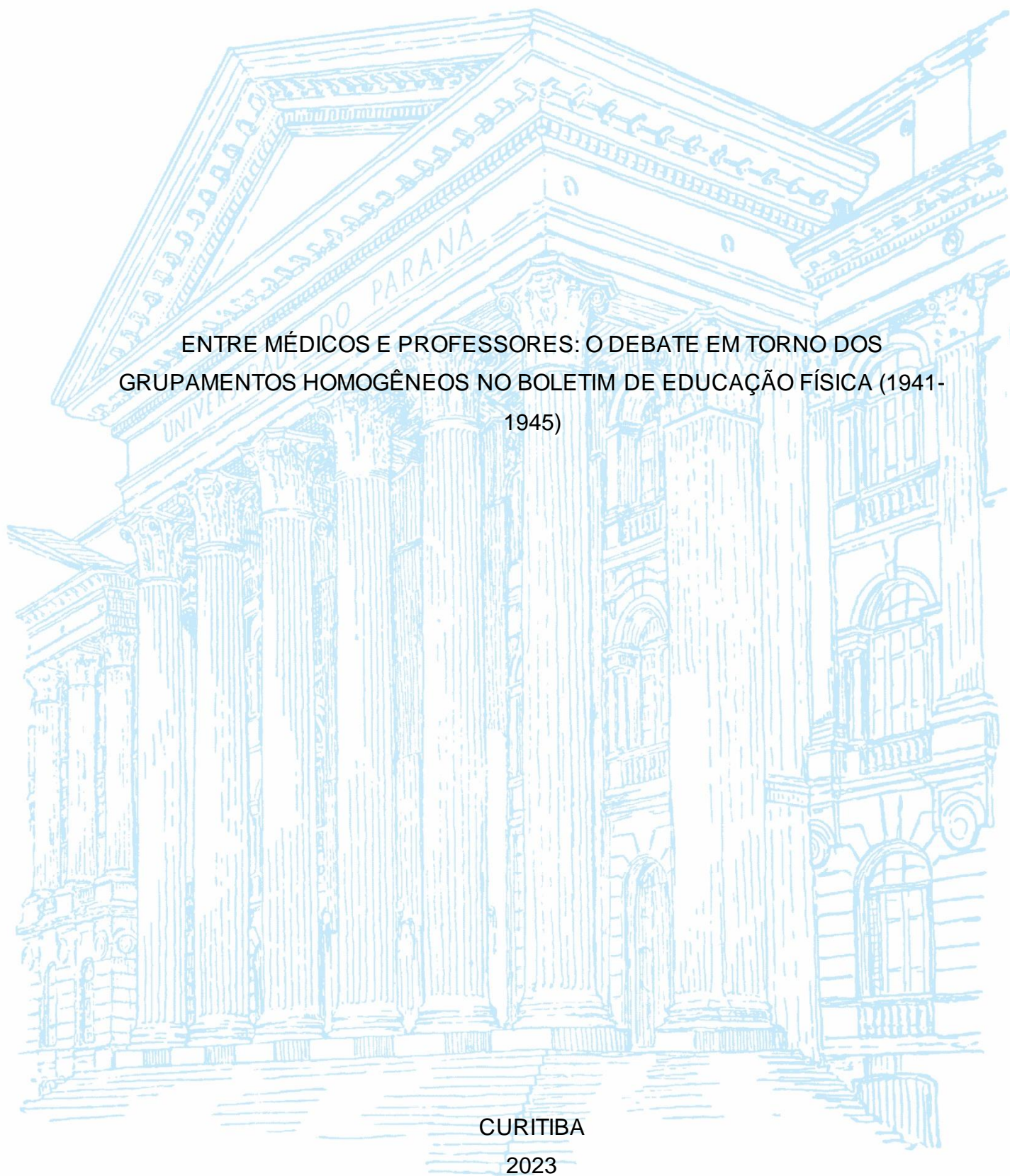
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOÃO PEDRO STEC

ENTRE MÉDICOS E PROFESSORES: O DEBATE EM TORNO DOS  
GRUPAMENTOS HOMOGÊNEOS NO BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA (1941-  
1945)

CURITIBA

2023



JOÃO PEDRO STEC

ENTRE MÉDICOS E PROFESSORES: O DEBATE EM TORNO DOS  
GRUPAMENTOS HOMOGÊNEOS NO BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA (1941-  
1945)

Monografia apresentada como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em Educação  
Física, Curso de Educação Física, Setor de  
Ciências Biológicas, Universidade Federal do  
Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Vera Luiza Moro

Co-orientador: Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva

CURITIBA

2023



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Coordenação dos Cursos de Graduação em  
Educação Física



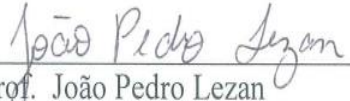
ATA DO EXAME DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2023/1  
*DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO DE*

**JOÃO PEDRO STEC**

Às 14 horas e 45 minutos do dia 28 de JUNHO de 2023, reuniu-se na sala 09 do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, a Banca Examinadora composta por Prof. Vera Luiza Moro, orientador(a) e presidente da banca; Prof. Marcelo Moraes e Silva, co-orientador e Prof. João Pedro Lezan, para examinar a monografia do(a) candidato(a) João Pedro Stec, do curso de BACHARELADO em Educação Física em Educação Física, nível de graduação, intitulada: “ENTRE MÉDICOS E PROFESSORES: O DEBATE EM TORNO DOS GRUPAMENTOS HOMOGÊNEOS NO BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA (1941-1945)”. Após a apresentação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) pelos membros da referida Banca, tendo tido a oportunidade de responder a todas as perguntas. Em seguida, esta banca examinadora reuniu-se reservadamente para deliberar, considerando o trabalho APROVADO. A sessão foi encerrada às 16 horas e 09 minutos, sendo a presente abaixo assinada pelos participantes desta banca examinadora.  
Observações: Realizar as correções sugeridas pela banca examinadora.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Vera Luiza Moro

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Marcelo Moraes e Silva

  
\_\_\_\_\_  
Prof. João Pedro Lezan

Dr. Fabrício Cieslak  
Coordenação dos Cursos de Graduação em Educação Física  
Departamento de Educação Física  
Universidade Federal do Paraná

Dedico este trabalho a todos os professores com quem tive a oportunidade de aprender.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa. Para não correr o risco da injustiça, portanto, ao finalizar este trabalho quero deixar meus sinceros agradecimentos de antemão a todos que de alguma maneira fizeram parte deste percurso. E para algumas pessoas de modo particular:

A minha família, em especial a meus pais, por todo o suporte e esforços para que eu pudesse estar hoje atingindo um grande objetivo.

À professora Dra. Vera Luiza Moro por toda atenção, entusiasmo e disposição para me orientar em um tema que, até então, era novo para nós dois. Os debates que tivemos não só elevaram o nível deste trabalho como me ajudaram a crescer enquanto pessoa. São aprendizados que levarei para toda a vida.

Ao professor Dr. Marcelo Moraes e Silva por ter acreditado em mim e, mesmo estando fisicamente distante, na França, por ter contribuído com toda sua sabedoria e experiência em momentos cruciais deste trabalho. E mais do que isso, por ter sido um professor que me cativou não só a querer pesquisar no campo da história da Educação Física, como também a trabalhar arduamente neste propósito.

Aos membros do Núcleo de Estudos e Pesquisa em História da Educação Física e do Esporte por cada encontro do qual pude participar. Não tenho dúvidas de que cada comentário e análise dos textos do grupo foram fundamentais para a forma final deste trabalho. Sempre aprendo muito com vocês.

Ao professor Me. João Pedro Lezan por ter aceitado fazer parte da banca examinadora.

Ao professor Dr. Sérgio Roberto Chaves Júnior por ter cedido gentilmente as edições do Boletim de Educação Física.

Aos professores Dr. Carlos Haemmerle e Dra. Janete Dubiaski que durante meu período como monitor no Departamento de Anatomia me mostraram um pouco do que é ser professor e muito me inspiraram.

Aos professores e colegas do projeto “Empowering Girls Through Football”. Participar deste projeto tem sido uma das grandes alegrias da minha graduação e a vivência com vocês é engrandecedora, Dr. Eduardo Fontes, Dr. Gleber Pereira, Dr. Paulo Bento, Mayara, Maria Thereza, Luana, Karin e Gustavo.

Aos meus amigos da época de escola, que sempre me apoiaram e são até hoje meus parceiros de vida, Daniel, Ger, Gotti, Henrique e Tintim.

Aos amigo(a)s que fiz durante o curso, especialmente Clari, César, Gabriel V., João Vitor, Léo, Matheus F., Rafael e Raul, que, à base de muito bom-humor, me motivaram a seguir em frente.

*É preciso, portanto, para fazer a boa história, para ensiná-la, para fazê-la ser amada, não esquecer que, ao lado de suas "necessárias austeridades", a história "tem seus gozos estéticos próprios". Do mesmo modo, ao lado do necessário rigor ligado à erudição e à investigação dos mecanismos históricos, existe a "volúpia de apreender coisas singulares"; daí esse conselho, que me parece também muito bem vindo ainda hoje: "Evitemos retirar de nossa ciência sua parte de poesia".*

**Jacques Le Goff & March Bloch**

## RESUMO

Com a implementação do Método Francês como metodologia oficial de ensino da educação física, protocolou-se a necessidade de se formar grupamentos homogêneos conforme atributos morfo-fisiológicos para as aulas da disciplina. Contudo, com a demora na elaboração da escala que serviria de parâmetro para a separação dos educandos e tendo em vista as diversas discordâncias com relação aos critérios adotados pelo modelo, diferentes especialistas da Educação Física viriam a propor alternativas próprias para a formação dos grupamentos. Durante a primeira metade da década de 1940, mais especificamente, um grupo de médicos e professores, dentre os quais o Dr. Peregrino Júnior e o professor Inezil Penna Marinho, viria a protagonizar o debate intitulado “O eterno problema do grupamento homogêneo” através de artigos veiculados pela imprensa especializada de Educação Física. Assim sendo, o presente trabalho buscou analisar como se configurou dentro do Boletim de Educação Física, criado em 1941 pela DEF, dita temática. Como fonte, além das edições do próprio Boletim, foram utilizadas publicações de periódicos diversos da área e documentos oficiais do governo que nos permitiram compreender o processo de empreendimento dos grupamentos homogêneos. Com relação ao referencial teórico, nos apoiamos no método crítico de observação histórica proposto por Bloch (2002) e fazemos uso dos conceitos de práticas discursivas elaborado por Foucault (2007), de lutas de representações proposto por Chartier (1990) e de táticas e estratégias formulado por Certeau (1998). A título de conclusão, apontamos que, durante o debate, muito mais do que apenas a discussão sobre o melhor modelo para formação de turmas, quer fosse em defesa do uso de fichas biométricas, quer fosse em defesa da aplicação de provas práticas, estava em jogo uma luta de representações pela disputa do carimbo de autoridade dentro do campo, bem como o uso tático dos discursos para se problematizar o próprio conceito educacional sob o qual deveria se basear a Educação Física. Nesse contexto, o Boletim, enquanto veículo ligado ao Estado, que tinha por objetivo coadunar saberes de interesse para a formação de um professorado qualificado e, na medida do possível, unificado, devia elaborar a melhor maneira de abordar a questão. A escolha foi selecionar os textos de maior notoriedade e publicá-los todos juntos em uma edição totalmente voltada para este fim, com intermediação do Major Barbosa Leite, militar e então diretor da DEF, a fim de se auxiliar a definir o ponto de vista oficial do Brasil a respeito para o II Congresso Panamericano de Educação Física que estava por vir.

**Palavras-chave:** Boletim de Educação Física; Grupamento homogêneo; Inezil Penna Marinho; Peregrino Júnior.



## ABSTRACT

With the implementation of the French Method as the official methodology for physical education teaching, the need to form homogeneous groups based on morpho-physiological attributes for physical education classes was established. However, due to the delay in the development of a scale that would serve as a parameter for student separation and considering the various disagreements regarding the criteria adopted by the model, different physical education experts proposed their own alternatives for group formation. During the first half of the 1940s, a group of doctors and teachers, including Dr. Peregrino Júnior and Professor Inezil Penna Marinho, would lead the debate entitled "The eternal problem of homogeneous grouping" through articles published in specialized physical education press. Therefore, this study aimed to analyze how this theme was addressed within the *Boletim de Educação Física*, created in 1941 by the DEF. As sources, in addition to the editions of the *Boletim* itself, publications from various journals in the field and official government documents were used to understand the process of establishing homogeneous groups. Regarding the theoretical framework, we rely on the critical method of historical observation proposed by Bloch (2002) and make use of the concepts of discursive practices elaborated by Foucault (2007), struggles for representation proposed by Chartier (1990), and tactics and strategies formulated by Certeau (1998). In conclusion, we point out that, during the debate, more than just discussing the best model for forming classes, whether in defense of the use of biometric records or in defense of practical exams, there was a struggle for representation in the quest for authority within the field, as well as the tactical use of discourse to problematize the educational concept upon which physical education should be based. In this context, the *Boletim*, as a publication linked to the State, aimed to align knowledge of interest for the formation of a qualified and, as far as possible, unified teaching staff, and had to devise the best way to address the issue. The choice was to select the most notable texts and publish them together in an issue entirely dedicated to this purpose, with the intermediation of Major Barbosa Leite, a military officer and director of the DEF, in order to help define Brazil's official standpoint for the upcoming II Pan-American Congress of Physical Education.

**Keywords:** *Boletim de Educação Física*; Homogeneous grouping; Inezil Penna Marinho; Peregrino Júnior.

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| QUADRO 1 – Ordenação dos grupamentos homogêneos conforme os critérios fisiológicos e as condições patológicas dos educandos .....     | 26 |
| QUADRO 2 – Relação das publicações do Boletim de Educação Física durante seus anos de existência.....                                 | 41 |
| QUADRO 3 – Relação da imprensa especializada de Educação Física nas décadas de 1930 e 1940.....                                       | 43 |
| QUADRO 4 – Dados da DEF referentes ao critério de formação de turmas para educação física escolar em estabelecimentos de ensino ..... | 50 |

## **LISTA DE SIGLAS**

- DEF - Divisão de Educação Física
- ENEFD - Escola Nacional de Educação Física e Desportos
- MES - Ministério da Educação e Saúde Pública
- RBEF - Revista Brasileira de Educação Física
- S.E.P.E.F. - Sociedade de Estudos nos Problemas da Educação Física
- UFPR - Universidade Federal do Paraná

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>13</b> |
| <b>FONTES E REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>   | <b>16</b> |
| <b>1 PRÁTICAS DISCURSIVAS DE MÉDICOS E PROFESSORES – OS CONCEITOS ANATOMO-FISIOLÓGICO E BIO-SÓCIO-PSICO-FILOSÓFICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA .....</b> | <b>19</b> |
| 1.1 A ANATOMIA E A FISILOGIA A SERVIÇO DA INFLUÊNCIA MÉDICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....   | 20        |
| 1.2 A EMERGÊNCIA DO CONCEITO BIO-SÓCIO-PSICO-FILOSÓFICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....   | 29        |
| <b>2 O BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>  | <b>38</b> |
| 2.1 HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS DE UM PERIÓDICO .....  | 39        |
| 2.2 OS GRUPAMENTOS HOMOGÊNEOS NAS PUBLICAÇÕES DO BOLETIM .....  | 45        |
| <b>3 O DEBATE EM TORNO DOS GRUPAMENTOS HOMOGÊNEOS NO BOLETIM</b>  | <b>52</b> |
| 3.1 O ETERNO PROBLEMA DO GRUPAMENTO HOMOGÊNEO.....  | 53        |
| 3.2 SÍNTESE ANÁLITICA DO DEBATE: DAS LUTAS DE REPRESENTAÇÕES AOS DISCURSOS TÁTICOS .....  | 68        |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>   | <b>72</b> |
| <b>FONTES HISTÓRICAS .....</b>  | <b>75</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>77</b> |
| <b>APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DOS CASOS: FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA .....</b>   | <b>80</b> |
| <b>APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DOS CASOS: FUNÇÃO PSÍQUICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA .....</b>   | <b>82</b> |

## INTRODUÇÃO

Até hoje, a questão do grupamento homogêneo tem sido e parece que por muito tempo continuará a ser, para os especialistas da educação física, motivo de desentendimento, problema para o qual ainda não conseguiram eles um ponto de vista comum nem um tratamento uniforme. Sempre que se oferece uma oportunidade, em simples palestras ou grandes congressos, travam-se os mais cerrados debates entre médicos e professores, em torno desse tema que nunca chega a esgotar-se e, por isso mesmo, é considerado por uns como ponto nevrálgico, enquanto outros o classificam de verdadeiro cavalo de batalha. A experiência nos tem convencido de que ele vai muito além disso, merecendo mais propriamente o epíteto de nó górdio, tal a complicação em que chegou a envolver-se (LEITE, 1944, p.41).

Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder e a reformulação do sistema de ensino no Brasil, as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por grandes mudanças e intensas disputas no campo educacional em território nacional. O extrato citado como epígrafe, fruto de uma fala do Major Barbosa Leite<sup>1</sup>, evidencia particularmente o lugar de destaque conferido às discussões acerca dos grupamentos homogêneos dentro da Educação Física<sup>2</sup> em meio a este cenário. O tema em questão, que, cabe ressaltar, não era exclusivo da Educação Física, mas sim um problema geral da educação, tratava, basicamente, neste campo que nos interessa, da busca pela maneira ideal de se formar para as aulas da disciplina turmas que apresentassem a menor amplitude possível de diferenças individuais entre os seus componentes a fim de maximizar o rendimento das atividades desenvolvidas e destas colher os benefícios mais profícuos.

A educação física tornara-se obrigatória nos estabelecimentos de ensino secundário em todo país a partir da reforma Francisco Campos em 18 de abril de 1931. A formação de classes homogêneas para as aulas da disciplina, por sua vez, havia sido uma das exigências estabelecidas já no momento da adoção do Método de Ginástica Francês como o método oficial de ensino pela portaria ministerial nº 70 de 30 de junho do mesmo ano. Segundo as ordens presentes no documento, a distribuição dos alunos conforme necessidades orgânicas equivalentes seria de fundamental importância para o desenvolver das aulas e, para tanto, instruções a

---

<sup>1</sup> João Barbosa Leite, militar de carreira, além de diretor da Divisão de Educação Física, foi editor e primeiro diretor tanto do Boletim de Educação Física como da Revista Brasileira de Educação Física.

<sup>2</sup> Se adotar a seguinte lógica: Educação Física, escrita em maiúscula, faz referência ao campo; educação física, escrita em minúscula, à disciplina escolar.

respeito da metodologia a ser empregada no executar do procedimento viriam a ser divulgadas. No entanto, com a demora na elaboração da escala que serviria de parâmetro para a separação dos educandos e tendo em vista as diversas discordâncias com relação aos critérios adotados pelo modelo, diferentes especialistas da Educação Física viriam a propor alternativas próprias para a formação dos grupamentos, de modo que durante a primeira metade dos anos de 1940 o debate em torno da temática viria a atingir seu ponto alto com a publicação de subsequentes artigos da série intitulada “O eterno problema do grupamento homogêneo”.

Com base nesta mesma epígrafe, podemos ainda perceber a centralidade de duas figuras, a saber, médicos e professores<sup>3</sup>, na corrida pela formulação de uma solução para o problema. O embate teórico entre ambas as partes pelo carimbo de autoridade do saber dentro do campo desdobrava-se com mais vigor desde meados da década de 1930 e pareceu ganhar contornos cada vez mais visíveis com o transcorrer do período em que o debate em torno dos grupamentos homogêneos esteve em voga.

Estes movimentos podem ser captados, ao menos em parte, fazendo uso da imprensa periódica. Dentro desta lógica, o Boletim de Educação Física, por certo, foi um dos veículos que mais buscou dar visibilidade à questão. Chancelado pela Divisão de Educação Física (DEF), segmento do Departamento de Educação do Ministério da Educação e Saúde (MES), o Boletim circulou em um primeiro momento de 1941 a 1945, e, posteriormente, de 1955 a 1958, totalizando, assim, a publicação de dezesseis edições. Atuando como um importante difusor tanto das atividades empreendidas pelo órgão como dos assuntos que este julgava pertinente de serem publicados, o periódico, para além das menções rotineiras, chegou a dedicar uma de suas edições exclusivamente à republicação de textos a respeito dos grupamentos homogêneos.

Isto posto, o objetivo geral que animou esta pesquisa foi o de compreender como se configurou o debate em torno dos grupamentos homogêneos dentro do Boletim de Educação Física. Tomando como base esta direção, intencionamos preencher uma lacuna nos estudos que mencionam o debate em torno dos

---

<sup>3</sup> Por professores, nos referimos aos profissionais de Educação Física voltados à disciplina escolar e, conseqüentemente, à perspectiva pedagógica. Esta definição respeita a semântica da terminologia usada à época em meio às discussões.

grupamentos homogêneos ao lançar um olhar não só para o conteúdo do debate em si, mas, especialmente, para como um importante periódico da Educação Física o retratou.

Para desenvolver esta narrativa, o presente trabalho constitui-se de três capítulos, para além de sua parte introdutória e conclusiva, cada qual abordando fundamentalmente um objetivo específico.

No primeiro capítulo, investigamos algumas transformações ocorridas dentro do campo da Educação Física nas décadas de 30 e 40 cujo conhecimento, como há de se notar, faz-se imprescindível para assimilar o debate em torno dos grupamentos homogêneos que viria a ganhar destaque na sequência. Parte importante deste processo remete à própria ordenação legal dos grupamentos homogêneos enquanto forma para organização das turmas de educação física e às discussões a respeito do método de ensino vigente na educação física escolar, bem como o papel de médicos e professores em sua constituição e aplicação. Para este intento, além do aporte da literatura, foram consultados documentos oficiais do governo e periódicos especializados do período.

Com o segundo capítulo, pretendemos compreender a lógica de funcionamento do Boletim de Educação Física; nele, descrevemos o histórico e elementos caracterizadores do periódico, apontando seus sujeitos, tipos de publicação predominantes e, mais especificamente, como o tema dos grupamentos homogêneos aparecia em suas páginas. O enfoque no primeiro ciclo de publicações deve-se ao fato de sua temporalidade estar mais adequada ao momento em que a questão dos grupamentos homogêneos estava em evidência.

Finalmente, o terceiro capítulo está voltado para a análise crítica do debate entre médicos e professores a respeito dos grupamentos homogêneos a partir de uma série de artigos republicados pelo Boletim de Educação Física em sua 11ª edição, destinada especialmente à temática. Neste momento, para além da problematização do conteúdo propriamente dito da discussão, procuramos entender a apropriação tática dos discursos utilizados em um momento de disputa pela representatividade dentro do campo.

## FONTES E REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Todo trabalho de história digno desse nome deveria comportar um capítulo ou, inserida nos pontos de inflexão da exposição, uma série de parágrafos que se intitulariam algo como: “Como posso saber o que vou lhes dizer?” Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, inclusive os leitores que não são do ofício experimentariam um verdadeiro prazer intelectual. O espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses, raramente entedia. É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio (BLOCH, 2002, p.83).

De acordo com Dario Ragazzini (2019), importante historiógrafo italiano da educação, a relação com as fontes é a base sobre a qual se edifica toda e qualquer pesquisa historiográfica. Partindo desta perspectiva, a identificação, o uso e a interpretação das fontes surgem como elementos constituintes fundamentais tanto do caráter e da qualidade da pesquisa como de sua originalidade.

Como ainda salienta o autor, a fonte histórica provém do passado, é efetivamente o passado, porém não está mais no passado no momento em que é analisada. Tendo este horizonte em vista, devemos entender a fonte, portanto, como uma ponte, um veículo que nos permite encontrar materialmente e reconhecer culturalmente a intencionalidade inerente ao seu processo de produção, sendo que, para encontrar, é necessário procurar atentamente e estar disposto aos altos e baixos do processo investigativo, para reconhecer, é preciso atribuir significado, ou seja, interpretar os signos e os vestígios como sinais (RAGAZZINI, 2019).

March Bloch (2002), expoente pensador da primeira geração da Escola dos Annales, sinalizara também que a pesquisa histórica somente pode ser realizada a partir do despertar de uma consciência crítica por parte do historiador para a noção de que o fato histórico em si não é um fato "positivo", mas sim o produto de uma construção ativa<sup>4</sup> de sua parte para transformar a fonte em documento e, em seguida, constituir esses documentos em problema. Para Bloch (2002, p.79), “mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes documentos não falam [verdadeiramente] se não sabemos interrogá-los”. Em suma, é o processo dialético que condiciona a análise e eleva ou diminui a importância e o potencial dos textos em questão.

---

<sup>4</sup> Bloch ainda complementa: “Nunca (em nenhuma ciência), a observação passiva gerou algo de fecundo. Supondo, aliás, que ela seja possível” (BLOCH, 2002, p.79).



O uso de periódicos, especificamente, como fonte – ou mesmo objeto de estudo – dentro do campo da historiografia, por mais natural que possa nos parecer, é, contudo, algo que remonta a décadas recentes. Por muito tempo, em função da hegemonia da chamada história tradicional, relutou-se em promover uma história constituída a partir da imprensa, sob a crença de que esta não se enquadrava no ideal de que o historiador deveria atingir a verdade através de documentos carregados de objetividade, neutralidade, fidedignidade e distanciados no tempo. Foi somente a partir das décadas finais do século XX quando os periódicos efetivamente passaram a se configurar como fontes de análise privilegiada e em núcleos informativos, com vias de, a partir de suas características próprias estruturais e de conteúdo, apreender os modos de funcionamento de determinado campo (DE LUCA, 2005).

Como já mencionado, a fonte principal de que se constitui esta presente pesquisa é o Boletim de Educação Física (1941-1958). Afortunadamente, todas as dezesseis edições do periódico foram encontradas integralmente reproduzidas no acervo do Centro de Memória do Departamento de Educação Física da UFPR e puderam ser mapeadas. Para fins específicos e complementares, outros periódicos como a Revista de Educação Física (1932-1960), a Revista Educação Physica (1932-1945) e a Revista Brasileira de Educação Física (1944-1952) também foram consultados. Neste caso, foi de grande valia o uso da hemeroteca digital. Em seu buscador, as palavras-chave utilizadas foram: “biometria”, “fichamento biométrico”, “grupamento homogêneo”, “Peregrino Júnior” e “Inezil Penna Marinho”.

Para Ragazzini (2019, p.16), esta junção de materiais, com outras fontes análogas-homólogas ou heterólogas e de igual forma com os outros lugares de produção, faz-se necessária não só para ampliar o conhecimento do pesquisador a respeito de seu objeto de estudo mas também na medida em que as fontes precisam ser lidas a partir de múltiplas relações, “tais como as relações subjacentes à sua produção, seleção, modo de reunião, conservação e, também, de forma comparativa, na perspectiva de encontrar reiteração ou especificidade diferencial”. De modo sucinto, portanto, é uma forma de enriquecer a análise.

Ainda no propósito de reconstruir o cenário indicado no primeiro capítulo, principalmente no que se refere ao histórico das ações referentes à ordenação dos grupamentos homogêneos, foram utilizados documentos oficiais do período, dentre os quais, regulamentos do método francês, portarias e decretos lei. Alguns destes

estavam presentes no mesmo arquivo do Centro de Memória do Departamento de Educação Física da UFPR e outros foram encontrados em diários oficiais do governo na internet.

Seguindo a esteira de noções e conceituações que surgem para ratificar o trabalho historiográfico, o presente trabalho se apoia ainda nos saberes de autores como Foucault, Ginzburg, Certeau e Chartier. A fim de que este empreendimento não se transforme em um arcabouço teórico fechado para a interpretação das fontes, contudo, suas evocações acontecem conforme as necessidades solicitadas ao longo do trabalho.

## **1 PRÁTICAS DISCURSIVAS<sup>5</sup> DE MÉDICOS E PROFESSORES – OS CONCEITOS ANÁTOMO-FISIOLÓGICO E BIO-SÓCIO-PSICO-FILOSÓFICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Segundo Carmen Lúcia Soares (2003), do conjunto de profissionais que tiveram um papel determinante na constituição e ordenação da hoje denominada Educação Física ao longo de todo o século XIX e princípios do século XX, quer seja na Europa, quer seja no Brasil, destacam-se os militares e, principalmente, os médicos; no entanto, como aponta a própria autora, a que tudo indica, esta quase exclusividade não seria uma permanência histórica.

Especificamente as décadas de 30 e 40 correspondem a uma etapa importante neste processo. A partir desta época, são realizadas tentativas de mapeamento e de redesignação de uma identidade corporal nacional, incorporados novos métodos de ginástica, assim como passam a ocorrer, em diferentes níveis, debates e ações em prol de uma reforma educacional que valorizasse uma prática pedagógica mais reflexiva em relação às condições educacionais dos alunos (SANTOS, 2012).

Após a adoção oficial do modelo de ginástica francês em 1931, que, além de seu caráter militarista, concebia, como norte, o indivíduo sob as bases anátomo-fisiológicas, inclusive para a separação dos educandos em grupamentos homogêneos, houve uma forte reação por parte de professores. Em outras palavras, as qualidades pedagógicas e psico-sociais haviam sido relegadas a segundo plano e isso havia aberto espaço para embates teóricos que viriam a se desenvolver ao longo dos anos seguintes. Um retrato da situação é a discussão do novo Método Nacional, articulada formalmente por meio de um concurso promovido pela Divisão

---

<sup>5</sup> Por práticas discursivas, empregamos o conceito de Michel Foucault, segundo o qual estas, para além de coisas ditas, são atos enunciativos fundamentalmente amarrados às dinâmicas de poder e saber de seu tempo. De acordo com esta linha de raciocínio, portanto, as práticas discursivas, diferentemente da mera expressão de ideias ou formação de frases, configuram-se como um elemento que, ao mesmo tempo subordinado a um conjunto de determinadas regras próprias do “regime de verdade” de certo tempo, “toma corpo em técnicas e efeitos” visualizáveis na realidade concreta (FISCHER, 2001). Quanto ao regime de verdade, Foucault (2007, p.12) ainda desenvolve: “O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”.

de Educação Física em 1943, a partir da qual seria proposto um novo e moderno conceito para Educação Física.

### 1.1 A ANATOMIA E A FISILOGIA A SERVIÇO DA INFLUÊNCIA MÉDICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Com Getúlio Vargas assumindo a presidência em um governo provisório, a partir de 1930, o Brasil passaria a ser marcado por diversas mudanças nos setores econômico, social e educacional. Dentro desta lógica, diversas políticas estatais das primeiras décadas do século XX viriam a ser formuladas dando lugar de destaque à instituição escolar tendo em vista seu potencial como ambiente propício para a resolução dos problemas sociais que o Brasil enfrentava. Em um momento em que a população brasileira era vista como viciosa, incapaz para o trabalho, incivilizada e, além do mais, sem um perfil étnico definido, questões como unidade nacional, disciplina e organização racional do trabalho urgiam e passavam a interferir diretamente no fazer de diversos setores da sociedade. A Educação e a Educação Física, mais especificamente, ganhavam notoriedade em diversas instâncias, uma vez que começaram a ser compreendidas como salvaguarda da “causa cívica”, atuando em vistas à saúde e à formação de um ideal de cidadão; enfim, ao desenvolvimento de uma identidade nacional, como um todo (HORTA, 1994; SILVA, 2016).

Como marcos deste processo, podemos citar, de 1931, a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública e a aprovação da Reforma Francisco Campos, que, dentro de seu raio de ações estipuladas para formatação do ensino em âmbito nacional, determinou a obrigatoriedade das aulas de educação física no ensino secundário. Em seu modelo inicial, desejava-se e orientava-se que o ensino da educação física fosse executado todos os dias em horários específicos, a saber, 1 hora antes e 2 horas após as refeições principais, além de sempre nas primeiras horas da manhã e últimas da tarde. A frequência seria obrigatória para todos os alunos do ensino secundário, sendo que a participação inferior a 75% nos exercícios configuraria impedimento para a realização do exame final (DALLABRIDA, 2009).

No íntimo do discurso médico, a educação física seria peça fundamental para educação do corpo; isto é, um vetor capaz de contribuir significativamente na definição dos hábitos cotidianos dos indivíduos, eliminando suas fraquezas

orgânicas e os tornando saudáveis, fortes e belos. Afinal, dentro deste novo modelo de sociedade brasileira que se erigia, em que se desenhava a importância da formação de um homem defensor da nação, e, principalmente, adestrado para trabalhar, havia uma grande ênfase em princípios como a necessidade de utilidade das ações e dos gestos, ordem lógica nas atividades, adequado aproveitamento do tempo e economia de gasto de energia (CARVALHO, 2009).

José Baía Horta (1994, p.2) salienta que “a ligação entre educação e saúde será traduzida por uma ênfase cada vez maior na educação física, inicialmente voltada para o desenvolvimento físico e individual e logo relacionada com o fortalecimento da raça”; um apontamento que, por sinal, é realizado de forma semelhante por Cantarino Filho:

Conferências, congressos, palestras e artigos publicados em periódicos levavam a público os pensamentos de seus autores, defendendo o fortalecimento da raça pela Educação Física. A raça, o desenvolvimento anátomo-fisiológico, o tipo físico pré-determinado, padronizado, foram defendidos no período estadonovista, como se todos os homens fossem produtos de laboratórios, de fôrmas e de provetas, com as mesmas personalidades. (CANTARINO FILHO, 1982, p.168).

Em suas investigações a partir do periódico *Brazil-Medico*, Mendes e Nóbrega (2008) afirmam que os médicos já desde o começo do século publicavam matérias onde declaravam que os corpos que não se submetiam a hábitos higiênicos eram considerados primitivos, incultos, retrógrados, apresentando defeitos e imperfeições orgânicas, sendo débeis e tarados. O corpo que os médicos começavam a desenhar por meio de suas publicações em diversos meios da imprensa era, por outro lado, um estereótipo padronizado, civilizado, sem excessos, saneado e disciplinado. Idealizava-se um físico inspirado na “melhor raça”, naquela considerada superior, no modelo europeu:

Se formos ao museu de estátuas antigas e depararmos com Venus de Milo, Afrodite do Vaticano, Venus cingindo a espada, Apolo de Belvedere, Antinous de Nápoles, teremos com certeza os olhos entristecidos se depois sentarmos em qualquer casa do centro da cidade e observarmos os transeuntes; homens barrigudos, mulheres adiposas, caixas de ossos, andares sem elegância, rostos que inspiram lástima ou horror pelo estado anti-estético que estampam em suas fisionomias, o reflexo do desequilíbrio fisiológico dos seus organismos (SEGUNDA CONFERÊNCIA..., 1938, n.43, p.36).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Para transcrição de todos os trechos de época optou-se por manter a ortografia padrão do período.

Com efeito, a confiança no progresso e nos avanços da modernidade influenciava o conceito de saúde e as descobertas recentes que deveriam curar os males e desenvolver o país. Em um primeiro momento esmiuçando-se e mapeando-se os corpos, posteriormente, educando-nos, intencionava-se coligir conhecimentos e promover ações a serem empregadas na compreensão, no monitoramento e na governança das coletividades humanas (SOARES, 2003).

A biometria e biotipologia, neste sentido, afirmaram-se na ciência eugenista ao longo dos anos 1930, em meio a um momento de redefinição das características étnicas, raciais e culturais do país, pautadas por uma ideia de “brasilidade”, decorrente da crescente cultura política nacionalista e populista que vinha se intensificando no contexto do governo centralizado e autoritário de Getúlio Vargas (VIMIEIRO-GOMES, 2016).

Grupos de médicos promotores da biotipologia no Brasil afirmavam que o conhecimento dos ‘tipos’, através da morfologia e da fisiologia, era um meio para, em seguida, moldar as características individuais e melhor proceder na prática. Como frisa Rocha Vaz<sup>7</sup> (1932), a determinação da constituição dos corpos seria imprescindível para orientar os processos pedagógicos, a seleção profissional, a educação física e o recrutamento militar. Enquanto isso, escolas biotipológicas de países europeus, como França, Alemanha e Itália, propuseram suas classificações, também chamadas de taxonomia dos corpos, que, como pode-se constatar, circularam em publicações no Brasil e exerceram forte influência:

Entre as frequentemente citadas pelos médicos brasileiros, a do francês Claude Sigaud (1862-1921) mobilizou dados morfológicos, fisiológicos e determinou quatro tipos humanos: respiratório, digestivo, muscular e cerebral. No primeiro tipo, salienta-se a predominância do tórax e da parte média da face; no segundo, do abdômen e do andar inferior da face, sendo a cabeça em pirâmide; no terceiro, há uma repartição simétrica entre tórax e abdômen; no quarto tipo, há uma ênfase na morfologia do crânio, com a cabeça em “forma de peão”.

Outra escola mencionada foi a do alemão Ernst Kretschmer (1888-1964), que, ao seguir um ponto de vista psicológico, relacionou temperamentos e comportamentos aos aspectos morfológicos para determinar três tipos classificatórios: pícnicos, astênicos e atléticos. Os pícnicos seriam pessoas com corpos “rechonchudos, atarracados, face arredondada e musculatura mole”. Caracterizar-se-iam por “acúmulo de gordura no pescoço, face e

---

<sup>7</sup> Juvenil Rocha Vaz foi médico e professor da cadeira de clínica propedêutica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ).

tronco, além de tendência a serem maniaco-depressivos”. Os astênicos, por sua vez, possuíam corpos “mais desenvolvidos em comprimento do que altura”, apresentando tendência a desenvolver esquizofrenia. Os atléticos seriam pessoas “esbeltas com extremidades longas e corpos robustos”, e que também teriam tendência à esquizofrenia (VIMIEIRO-GOMES, 2012, p.710).

De qualquer modo, isto é, independentemente da metodologia adotada, seja ela alemã ou italiana, simplificada ou não, era chave, no entendimento dos médicos, o papel representado pela biometria de modo geral. Não à toa, o Dr. Peregrino Júnior<sup>8</sup>, por meio de seu artigo intitulado “Aspectos modernos do fichamento biométrico em educação física” viria a afirmar que desde então, nenhum problema, no concernente à Educação Física, superava em importância o do fichamento biométrico:

Na realidade, a Educação Física para ser praticada com caráter científico, tem necessariamente que apelar para os dados biométricos, que lhe são essenciais em todos os momentos de seu desenvolvimento, e o fichamento morfológico é a base, é o fundamento de todas as atividades atlético-esportivas de orientação científica. Por isso a Biometria é a disciplina básica no estudo e na prática de todas essas atividades, orientadas e reguladas por princípios científicos (PEREGRINO JÚNIOR, 1943, p.42).

Dessa maneira, fica evidente como os saberes anátomo-fisiológicos, a figura do médico e a Educação Física estavam intimamente interligados; mais além, ressalta-se que esta não é uma relação que se limita ao desenvolvimento de fichas biométricas para análise biotipológica. Juntamente, deve-se levar em conta o papel destes fatores no que foi a conformação do processo vigente de educação do corpo, designadamente através da ginástica escolar. Afinal, como também destacara o Dr. Sette Ramalho<sup>9</sup> (1936), pode-se dizer que é pelo exame médico que se orienta toda educação infantil, constituindo ele todo o arcabouço do método francês.

Não obstante, quanto à referida adoção da ginástica no contexto escolar, precisamente do método francês, faz-se necessária uma ampliação. A ginástica que

---

<sup>8</sup> João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior foi médico e professor catedrático de Biometria Aplicada da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil – Rio de Janeiro, além de recorrente articulista em periódicos da Educação Física. Por sua erudição como cronista e ensaísta, também tornou-se colaborador de numerosas revistas literárias e científicas do Brasil e do estrangeiro, tendo presidido a Academia Brasileira de Letras entre 1956 e 1957.

<sup>9</sup> Augusto Sette Ramalho foi capitão, médico, instrutor de Biometria e chefe do Departamento Médico da Escola de Educação Física do Exército. Destacadamente, o autor publicou, ao longo das décadas de 1930 e 1940, um conjunto de 22 artigos que tratavam sobre os temas da Fisiologia e Biometria e sobre o grupamento homogêneo.

se consolida no século XIX afirma uma competência tutelada, de um lado, pelo Exército, através da utilização de certas técnicas e, de um outro, pela Instituição Médica de quem recebe a autoridade do saber (SOARES, 2000). Visto de outra forma, em uma via de mão dupla, os médicos não só avistavam na educação física dos jovens uma estratégia de disciplinarização e de inculcação de hábitos saudáveis, como também os primeiros instrutores militares viam a medicina como referência científica necessária para legitimar suas práticas (JÚNIOR, 2013).

Ao se tratar do método francês, em primeiro lugar, deve-se reforçar que não estamos falando de um método de educação física tipicamente brasileiro. Ele foi pensado e elaborado a fim de sanar as lacunas do processo de escolarização dos cidadãos franceses, atendendo às necessidades sociais, morais e econômicas próprias daquele país. A sua presença em território brasileiro, moldando as práticas escolares exigiu, portanto, um cuidado ao tentar apresentar ações e sentidos sensíveis a uma outra realidade<sup>10</sup> (BRUSCHI, 2019).

Sua adoção legal, mediante a Portaria nº 70, emitida em 30 de junho de 1931, viria a ser acompanhada do *Règlement Général d'Éducation Physique*, igualmente conhecido como Regulamento nº 7, que funcionava como um manual auxiliar na organização das aulas de educação física, indicando finalidades, modelos de aulas, conteúdos e até formas de realizar a avaliação dos alunos (BRUSCHI, 2019).

Segundo as ordenações do Método Francês, disponíveis nas bases pedagógicas do Regulamento nº 7, a prática racional e metódica da educação física propiciaria ao homem atingir seu mais alto grau de aperfeiçoamento físico. Contudo, apenas possuir saúde, força e harmonia das formas não seria um indicador de que o indivíduo já teria atingido o seu aperfeiçoamento total. Seria preciso que fosse aprendido a explorar todas essas qualidades na vida cotidiana, de modo a se adquirir um aumento de valor e energia que permitisse ao indivíduo dar o seu máximo de rendimento ao trabalho com o mínimo de despesa e fadiga (ESTADO MAIOR..., 1934)<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Em todo caso, como salienta Bruschi (2019), vale dizer que já era previsto inicialmente a possibilidade de passar por adaptações e melhorias condizentes ao elemento nacional, uma vez que era pressentido o enfrentamento de possíveis dificuldades em sua aplicação.

<sup>11</sup> Segundo Da Silva Queiroz (2018), o texto base do Regulamento Geral Nº 7 foi aprovado via decreto n. 21.324, em 27 de Abril de 1932. Para a referência deste trabalho, no entanto, utilizaremos como fonte a versão de 1934 do Exército a que se teve acesso.



Ainda de acordo com o Regulamento nº 7, fica evidente a intenção de que a educação física fosse norteada por princípios anátomo-fisiológicos, tendo em vista a idade fisiológica dos indivíduos, ao invés da então privilegiada idade cronológica, na classificação dos grupos que seriam submetidos às aulas. Esta preocupação com a forma com que as turmas deveriam ser divididas já havia também sido abordada na Portaria Ministerial nº 70:

O desenvolvimento do programa de educação física exige, previamente, que os alunos sejam distribuídos segundo grupos homogêneos, de necessidades orgânicas equivalentes, para que se realize uma criteriosa adaptação do trabalho, de acordo com a constituição média de cada um, cujos resultados devem ser apreciados periodicamente. O grupamento deve ser orientado por um médico e pelo instrutor, ambos com curso de especialização na matéria (BRASIL, 1931, p.12426).

Para tal, exames fisiológicos eram realizados por um médico em diferentes momentos, a saber, no início e no fim do ano letivo, bem como nas férias do mês de junho, a fim de determinar em que grupo as crianças deveriam ser incluídas ou quais delas deveriam ser poupadas dos trabalhos físicos. Todos os respectivos resultados dessas e de outras avaliações constariam em uma ficha individual que acompanharia o aluno em todo o curso, até a sua fase adulta (ESTADO MAIOR..., 1934).

Posteriormente, em um material intitulado “Instruções para o serviço médico de Educação Física nos estabelecimentos de ensino”, publicado na Portaria Ministerial nº 161 do dia 11 de maio de 1939, encontravam-se as instruções divulgadas pelo Departamento Nacional do Ensino do Ministério da Educação e Saúde Pública, que tinham como finalidade garantir a regularidade do serviço médico nas instituições de ensino e a qualidade padrão na coleta dos dados dispostos na ficha de educação física para que pudesse ser realizada a formação de turmas homogêneas para as aulas práticas com base nos critérios morfo-fisiológicos, dada a variedade de modelos usados até então:

Afim de garantir a regularidade do serviço médico de educação física nos estabelecimentos de ensino e a homogeneidade na colheita dos dados que compõem a ficha de educação física, o Departamento Nacional de Educação resolve baixar as presentes instruções. Recomenda-se que as medidas sejam feitas com o máximo critério afim de não prejudicar os objetivos visados, sendo necessário seguir à risca as determinações estabelecidas para que tenham valor estatístico. Uma boa mensuração é a que corresponde a uma idéia, a um caráter real; não se trata unicamente de

alinhar números: estes devem ter significação, seja anatômica, seja fisiológica (BRASIL, 1939, p. 20465).

Segundo as instruções ali previstas, após os exames iniciais os alunos normais deveriam ser classificados como Grupo 1 e os “deficientes”<sup>12</sup> como Grupo 2. Em seguida, ambos os grupos seriam subdivididos, levando em consideração os critérios fisiológicos e, se necessário, o tipo de moléstia ou defeito físico que viriam a apresentar. No quadro a seguir, pode-se observar o padrão de códigos adotados para a classificação dos educandos de acordo com seu perfil.

QUADRO 1 – Ordenação dos grupamentos homogêneos conforme os critérios fisiológicos e as condições patológicas dos educandos

| <b>Alunos normais</b>   |                 | <b>1</b> |
|---|-----------------|----------|
| 1º grau do ciclo elementar  | 4 a 6 anos      | 3a       |
| 2º grau do ciclo elementar  | 6 a 9 anos      | 3b       |
| 3º grau do ciclo elementar  | 9 a 11 anos     | 3b       |
| 4º grau do ciclo elementar  | 11 a 13 anos    | 3d       |
| 1º grau do ciclo secundário   | 13 a 16 anos    | 4e       |
| 2º grau do ciclo secundário   | 16 a 18 anos    | 4f       |
| Ciclo superior  | Mais de 18 anos | 5g       |
| <b>Alunos com desvio de normalidade ou deficientes</b>  |                 | <b>2</b> |
| Alunos que precisam se submeter a um tratamento restitutivo antes de serem inseridos nas aulas de educação física |                 | 6h       |
| Alunos que necessitam de uma ginástica especial antes de serem incorporados aos normais                           |                 | 6i       |
| Alunos que devem fazer uma ginástica especial compatível com o seu estado patológico                              |                 | 7j       |
| Alunos que não podem praticar qualquer tipo de exercício físico   |                 | 7k       |

FONTE: Elaboração própria, fundamentada na publicação “Instruções para o serviço médico de Educação Física nos estabelecimentos de ensino” da Portaria Ministerial nº 161(1939, p.20465).

Deve-se atentar ao fato de que as idades mencionadas para a divisão do grupo normal serviam apenas como critério de indicação, já que o grupamento homogêneo deveria efetivamente ser realizado a partir da mensuração das idades fisiológicas e da comparação dos dados biométricos e clínicos coletados para a ficha<sup>13</sup> de cada aluno com os dados das escolas avaliadas para esse fim. Ao realizar

<sup>12</sup> As nomenclaturas “deficiente”, “débil”, “acidentado” e “disforme” eram recorrentes na época ao se fazer menção aos alunos com deficiência e, para fins de fidelidade aos documentos analisados, seu uso também se mostrará presente em citações neste trabalho. Cabe advertir, contudo, que tais caracterizações já não são mais aceitas.

<sup>13</sup> Foram estabelecidos 5 tipos de fichas de educação física para os estabelecimentos de ensino: uma para os três primeiros graus do ciclo elementar; uma para o quarto grau do ciclo elementar; uma

essa comparação entre os alunos, o MES informava que surgiam três hipóteses classificatórias: deficiência, igualdade e excesso dela.

Antes de partirmos para os modelos de fichas, porém, cabe ressaltar que não existiam até o momento as escalas referidas para a comparação dos resultados obtidos das avaliações biométricas dos educandos. Conforme as instruções do Departamento Nacional de Educação, as escalas seriam obtidas mais adiante por meio dos dados colhidos e enviados à DEF, que ficaria responsável pela análise destes. Até que isto viesse a ser realizado, contudo, havendo dificuldades para também se proceder com as idades fisiológicas, ficou estipulado que o critério recomendado era o exposto na Portaria Ministerial nº 70:

Eis o que preceitua a Portaria Ministerial citada: “Conquanto a distribuição em grupos deva obedecer mais ao desenvolvimento físico do que à idade, pode-se, entretanto, admitir, como critério dos tipos normais, a seguinte subdivisão cronológica: 1a classe, dos 11 aos 13 anos; 2a classe, dos 13 aos 16 anos; 3a classe, dos 16 aos 18 anos e 4a classe, maiores de 18 anos. A passagem de uma classe a outra depende dos resultados dos exames, em qualquer das épocas previstas, conferindo-se, então, ao aluno um certificado de promoção” (BRASIL, 1939, p. 20465).

Para o ciclo elementar, representado pelos grupos “3a” ao “3d”, as fichas de educação física foram elaboradas em dois modelos, um modelo para os três primeiros graus e outro diferenciado para o 4º grau. Os elementos mensurados nos três primeiros grupos eram o perímetro torácico, a elasticidade torácica, o peso, a estatura e a capacidade vital. Na sequência, é possível verificar um espaçamento na ficha destinado às anotações referentes ao exame clínico, indicação do exercício, aproveitamento do exercício, observações, dados etnológicos, cor da pele, tipo de cabelo, medida do nariz e até mesmo índice cefálico. No segundo modelo de ficha, destinado ao 4º grau do ciclo elementar, além de se contemplar os elementos apresentados na primeira ficha, foram introduzidos novos dados, dentre os quais a altura do busto, a envergadura, o pulso (em repouso e após dez flexões das pernas em vinte segundos), a apnéia voluntária e o sentido muscular, além de um espaço para o resultado dos exames práticos.

No ciclo secundário, representado pelos grupos 4e e 4f, as fichas, para além das outras investigações efetuadas no exame clínico dos ciclos anteriores,

---

para o primeiro grau do ciclo secundário; uma para o segundo grau do ciclo secundário; uma para o ciclo superior.

contariam com a introdução de novos elementos como o diâmetro transverso do tórax, o “diâmetro ântero-posterior do tórax”, o “diâmetro bi-acromial”, o “diâmetro bi-trocantariano”, o pulso (com uma mudança de dado: após vinte flexões das pernas em quarenta segundos), a força manual, a força lombar e o exame clínico que passava a investigar a puberdade nos rapazes e a menstruação nas moças. Vale aqui dizer que a única diferença entre uma e outra, se mostraria nas provas do exame prático.

Já com relação à ficha de educação física direcionada ao ciclo superior, classificado como 5g, observamos que além do julgamento das condições orgânicas dos alunos, contemplar-se-ia a verificação das aptidões deles para a realização de trabalhos físicos intensos, bem como para os diversos desportos. Entre as medições e controle estabelecidos para esse grupo, portanto, seriam introduzidas informações referentes ao comprimento dos braços, comprimento das pernas, tensão arterial e força escapular (destinada apenas aos rapazes). Para os alunos e alunas que praticavam algum tipo de desporto, ainda seriam inseridos os dados: tipo desportivo (longilíneo, normolíneo e brevelíneo, sendo usada também a classificação “atleta pesado”, “atleta leve”, “poliatleta” e “sem tendência própria”), juízo desportivo (predominância de velocidade, agilidade, resistência e força), desporto indicado, vida desportiva (dividida em “desporto principal” e “outros desportos”), histórico e anamnese, treinamento, treinamento em provas práticas, comportamento do pulso, gráfico, data, tempo e observações.

O grupo 2, por sua vez, para alunos como com desvio de normalidade ou deficientes, teria uma separação em mais dois subgrupos, denominados 6 e 7, sendo que no grupo 6 ficariam os indivíduos com moléstias ou defeitos físicos de natureza transitória, e no grupo 7, os que apresentassem moléstia ou defeitos físicos de natureza permanente.

Os alunos estipulados para o grupo 6 passariam ainda por uma nova subdivisão. Os educandos pertencentes ao grupo 6h seriam aqueles que necessitassem ser submetidos a um tratamento antes de iniciar as aulas de educação física, enquanto o grupo 6i era destinado para os estudantes com necessidade de uma ginástica especial, com finalidade reconstrutiva, que, quando aptos, poderiam passar para as turmas normais.

Por fim, os alunos pertencentes ao grupo 7 também seriam reclassificados como 7j ou 7k; e aqui a situação começa a se diferir mais fortemente. O grupo 7j era

voltado para os alunos que sofressem de moléstia ou defeito físico para o qual não houvesse cura, e sendo assim, praticariam uma ginástica especial permanentemente cuja finalidade seria especificamente evitar o agravamento da situação. Já no grupo 7k, permaneceriam somente os alunos com impedimento total quanto às práticas de exercícios físicos, mas que possuíam um atestado de sanidade exigido para a admissão no curso secundário.

Quanto aos elementos do método francês, vale um apontamento, pois, apesar de estarem ancorados sob uma perspectiva científica dos métodos ginásticos europeus, ao menos teoricamente propuseram novas práticas que foram acolhidas pelos novos sentidos e propostas estabelecidas pela Escola Nova, constituindo-se em eixos importantes de formação pautados pelo seu ensino. Esses aspectos garantiram um espaço privilegiado para a adoção de um discurso recorrente na Educação Física nos espaços educacionais, a partir dos anos de 1930: para além de apenas flexionamentos e exercícios físicos educativos, o uso dos jogos e dos esportes individuais e coletivos. (GOELLNER, 2021).

No entanto, como salienta Da Silva Queiroz (2018), por mais que o Regulamento N.º 7 tivesse sido aprovado e adotado oficialmente durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, indo ao encontro dos objetivos políticos desse período, ele não obteve um reconhecimento unânime em território nacional. Pelo contrário, críticas sobre o método adotado também surgiram. De modo geral, era concebido por civis, em sua maioria por professores, como um método rígido e utilitarista, que, em detrimento da preocupação com os aspectos pedagógicos, preconizava a superposição do saber biológico e a busca pela formação de um corpo que tão somente fosse forte, determinado, corajoso e viril.

A partir disso, as discussões para se criar um método nacional se intensificaram nos anos de 1940, de modo que, após dois anos de trabalho, em agosto de 1943, um inquérito contendo as bases do futuro método brasileiro foi enviado, via correios, a mais de 1500 pessoas de diversas formações a fim de se obter sugestões ou mesmo críticas para aperfeiçoar e tornar mais sólido esse projeto (BRUSCHI, 2019).

## 1.2 A EMERGÊNCIA DO CONCEITO BIO-SÓCIO-PSICO-FILOSÓFICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

No entendimento de Inezil Penna Marinho<sup>14</sup>, possivelmente o maior crítico ao método adotado por meio do Regulamento N.º 7, havia uma necessidade premente de se desenvolver um método nacional de Educação Física que fosse adaptado, flexível e moldável às particularidades nacionais, de cada região ou grupo social. Para Marinho, o Brasil era um país onde as diferenças sociais e raciais eram marcantes, e, portanto, um método de Educação Física deveria ter plasticidade e se adaptar a essas diferenças (DA SILVA QUEIROZ, 2018).

Nos debates acerca do tema em periódicos diversos, não por acaso destaca-se justamente a sua continuidade nas discussões em torno do Método Nacional. Tanto que, quando em julho de 1944, a DEF anunciou que dos cinco trabalhos submetidos para o “Concurso de Contribuições para o Método Nacional de Educação Física”, obteve o primeiro lugar a proposta “Bases científicas da Educação Física”, apresentado por Inezil Penna Marinho, representando a Sociedade de Estudos dos Problemas de Educação Física (S.E.P.E.F.)<sup>15</sup>, não podemos dizer ter se tratado de uma surpresa.

O trabalho, produzido em formato de monografia, defendia que deveria-se substituir o então método francês que predominava na educação física por método que repousasse sobre as mesmas bases da educação, em que o prazer, o desenvolvimento integral e o aspecto pedagógico ficassem sempre ressaltados; algo que, vale dizer, era um dos objetivos solicitados pela DEF (MELO, 2010).

---

<sup>14</sup> Inezil Penna Marinho é reconhecido como um dos mais importantes intelectuais da Educação Física brasileira (DALBEN, 2011; MELO, 2010; OLIVEIRA, 2015). Escritor, atleta, advogado, professor, editor-chefe e historiador, Inezil inovou em sua pesquisa ao trabalhar com um amálgama de áreas do conhecimento. Dentro do campo da Educação física, em específico, teve um crescimento vertiginoso. Entrou para a Divisão de Educação Física do Departamento de Educação do Ministério da Educação e Saúde em 1939 como assistente técnico, mas logo passaria a assistente de ensino em 1940, sendo que em 1941 já era técnico de educação e chefe da Seção Pedagógica. Ao longo da mesma década, também se notabilizou por ser o representante brasileiro em uma série de palestras, cursos e congressos país afora, além de ter produzido uma vasta quantidade de textos e artigos críticos relativos à área.

<sup>15</sup> A S.E.P.E.F. foi fundada em 15 de outubro de 1943 pelo professor Inezil Penna Marinho e pelo Dr. Paulo Frederico de Figueiredo Araújo (de quem falaremos adiante) e propunha dedicar-se aos estudos da Educação Física e divulgar trabalhos a eles relacionados. Os estudos desta sociedade alcançaram os primeiros lugares no “Concurso de Contribuições para o Método Nacional de Educação Física” e no “Concurso de Trabalhos sobre Educação Física”, ambos promovidos pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde. No entanto, não foram encontradas informações sobre seus demais membros.

Por meio de uma republicação parcial<sup>16</sup> pelo Boletim de Educação Física de um trabalho intitulado “Sugestões para programas de educação física destinados às escolas primárias”, publicado em 1943, cuja autoria também remete à S.E.P.E.F. e o formato/conteúdo sugere ser uma derivação do exposto em “Bases científicas da Educação Física”, podemos identificar logo de começo a proposta de se modificar a mentalidade dos professores de educação física, de modo a converter a metodologia supostamente pautada em ensinar replicadamente os exercícios físicos aprendidos nas escolas especializadas às crianças por uma em que as atividades desenvolvidas fossem sabiamente orientadas a fim de desenvolver não só o físico, mas também a dimensão psíquica dos praticantes:

O programa deverá ser organizado de maneira tal que permita um rendimento certo ao fim do curso e não é isso o que temos observado. Verificamos sempre a existência de dois programas: um formal e outro real. O primeiro, de caráter freqüentemente enciclopédico, é o elaborado pelas autoridades orientadoras, pelas congregações ou ainda pelos próprios professores ávidos em demonstrar conhecimentos aos seus colegas: o segundo é aquele que o professor realmente cumpre e que fica muito aquém do outro, não apresenta homogeneidade e quase sempre termina bruscamente. Isso nos leva à conclusão de que cada professor realiza o seu próprio programa, principalmente quando estes são centralizados pelo órgão diretor - no ensino secundário, entre nós - muitos de cujos assuntos são completamente ignorados pelo professor que os vai ministrar. Cumpre que os programas sejam organizados não com aquilo que os alunos devem aprender, mas com o que eles podem realizar, o que é bastante diferente. E o que nêles deve preponderar é o espírito e não a letra. Dewey nos afirma que o programa deverá resolver "o conflito entre a natureza individual e a cultura social" e Francisco de Campos diz que "a personalidade, a formação do caráter são coisas superiores às matérias do ensino".

Que formas de atividade física deverão integrar os programas destinados as escolas primárias? - Este é o ponto principal do presente trabalho. Somos inteiramente contrários aos exercícios formais, artificiais, vulgarmente conhecidos sob a denominação de flexionamentos. Eles representam para as crianças verdadeiros trabalhos forçados, utilizando a expressão de Claparède. Fazer com que uma criança se conserve imóvel em um determinado lugar, pelo espaço de cinco, seis ou oito minutos, e determinar-lhe que mexa primeiro os braços, depois as pernas, a seguir o tronco e assim por diante se nos afigura iníquo. Na nossa opinião, tais exercícios só deverão ser ministrados a título de ginástica corretiva, quando dela precisar a criança para corrigir algum desvio na normalidade; só deverão ser aplicados como remédio e temos a impressão de que as crianças atualmente assim os consideram, isto é, como xarope. Somos favoráveis aos exercícios naturais, porque a criança, principalmente na idade compreendida entre 7 e 11 anos, tem uma concepção tôda própria de liberdade, anseia por um contacto íntimo com a natureza, deseja conhecer-

---

<sup>16</sup> “Não comportando êste Boletim a publicação na integra de todo o trabalho, são apenas destacados o plano e alguns capítulos de maior interesse para os professores de educação física” (SUGESTÕES..., 1943, p.7)

lhe as belezas mas espontâneamente, repugna-lhe a execução de qualquer ato que lhe seja comandado, revolta-se contra aquilo que lhe é proibido e não tolera realizar qualquer tarefa que não lhe seja agradável (SUGESTÕES..., 1943, p.12-13).

Dentro desta perspectiva, as formas de trabalhos defendidas e recomendadas pelos autores da monografia poderiam ser alocadas nos seguintes grandes grupos: atividades rítmicas, grandes jogos, pequenos jogos, recreação em aparelho e natação. Nas páginas seguintes, cada qual viria a ser explorada e exemplificada por meio de variadas atividades. De qualquer maneira, é destacável a mensagem final passada pelo trabalho de que sua função havia sido apenas dar sugestões, não modelos rígidos, aos professores e estabelecimentos de ensino. Assim sendo, os conteúdos passados poderiam tranquilamente ser adaptados às conveniências de qualquer escola, contanto que o principal de tudo fosse atendido: “dar aos exercícios físicos uma forma atraente e não revesti-los das características dos castigos” (SUGESTÕES..., 1943, p.13).

Em todo caso, posteriormente, em seu artigo intitulado “O conceito bio-sócio-psico-filosófico da educação física em oposição ao conceito anátomo-fisiológico”<sup>17</sup>, publicado em 1944 pelo Boletim<sup>18</sup>, Marinho, a fim de facilitar aos leitores a compreensão de um conceito que é integral, indissociável nas suas partes íntimas, viria a sintetizar as bases de seus anteriores trabalhos e abordar especificamente, a nível teórico e empírico, cada uma das dimensões por ele exploradas, tal como segue.

#### Sobre a biologia - a vida orgânica:

A biologia nos faculta conhecer aquele que teremos de educar e é por um melhor conhecimento do educando, das fases por que passa sua evolução, dos limites de suas possibilidades aos meios utilizados, que poderemos obter não apenas um resultado positivo na educação, mas o maior resultado positivo na educação. [...] **A biologia nos permitirá, justamente, conhecer a constituição e a função das ínfimas peças que compõem o complexíssimo organismo humano, de modo a permitir que os ritmos da nossa existência sejam “traduzidos pelas impressões cenestésicas, que, como o leve arfar de um motor de dezesseis cilindrados, ocupam**

---

<sup>17</sup> Bruschi (2019, p.268) indica que, mais tarde, Marinho ainda viria a acrescentar à sua proposta o conceito histórico, cuja importância se daria pela necessidade de identificação dos aspectos culturais brasileiros.

<sup>18</sup> De acordo com Goellner (2005), variações deste mesmo texto podem ser encontradas em ao menos 4 periódicos distintos do período. Neste caso, optamos por utilizar a publicação realizada pelo Boletim de Educação Física.



**o fundo da nossa consciência quando estamos silenciosos e meditamos”.**

Neste sector, a contribuição dos médicos, sobretudo a dos que têm se dedicado à questões de educação física, foi sempre muito ampla, o que não aconteceu nos outros campos, isto é, no sociológico, no psicológico e no filosófico. E, como compensação, aqui falaremos menos do que nos outros itens, onde há necessidade de uma argumentação clara e convincente, desde que o terreno se encontra menos explorado (MARINHO, 1944a, p.18 – grifo nosso).

Sobre a sociologia - a vida social e os fins educacionais:

**Cabe, pois, à sociologia a determinação dos fins em educação, isto é, da finalidade que deverá ser alcançada pelo educando, para que ele se torne um elemento útil a si mesmo e aos membros da comunidade em que vive.** Como o ambiente social varia de uma sociedade para outra e considerando que a educação é a socialização da criança, fácil nos será deduzir que as finalidades da educação nunca poderão ser as mesmas para todos os grupos sociais. Cada um destes apresenta certas características que precisam ser atendidas de modo especial. [...]

**Ainda no campo da sociologia, há um aspecto muito importante a ser encarado: é a função social da educação física.** Sem entrar na consideração do aproveitamento das horas de lazer da juventude e do operariado, consideremos, com a ilustração de três casos bastante significativos, o conforto levado pela Educação Física a três formas de desajustados: dos sentidos, da conduta e da saúde<sup>19</sup>. [...]

Esses três casos que acabamos de narrar parecem-nos mais do que eloquentes para não permitir que se negue a função social da educação física, no seu sentido mais amplo, mais complexo e, sobretudo, mais humanitário (MARINHO, 1944a, p.18-22 – grifo nosso)

Sobre a psicologia - a vida psíquica:

**A psicologia nos facultará um maior conhecimento do mundo psíquico daqueles que vamos educar, de maneira tal que realizem as suas tarefas com prazer desde que estas correspondam aos seus interesses, aos seus desejos.** É preciso penetrar na alma do educando para conhecer aquilo que lhe agrada fazer e o que lhe repugna parcial ou completamente. [...]

**A formação da personalidade deverá coincidir, dentro da educação, especial cuidado para nós.** Nos países totalitários constrói-se uma forma educacional e por ela passam-se todos os indivíduos, numa produção em série, de modo que, findo algum tempo, saíam todos com as mesmas idéias, as mesmas características ativas, afetivas e intelectivas. Nas democracias tem-se o cuidado de construir uma fôrma educacional para cada indivíduo, atendem-se aos seus traços personalíssimos. Consequentemente, no primeiro caso teremos autômatos, enquanto no segundo indivíduos capazes de governar a si mesmos. [...]

---

<sup>19</sup> A descrição dos casos, por sua extensão, pode ser encontrada no APÊNDICE A.

Daí o grande cuidado que os programas deverão merecer. Muitas vezes, e isso acontece com frequência, um programa de educação física é ótimo sob o ponto de vista fisiológico, mas péssimo sob o psicológico. E os educandos realizam as tarefas que lhes são impostas como se fossem trabalhos forçados, para utilizar mais uma vez a feliz expressão de Claparede. Os professores de educação física e, sobretudo, os médicos especializados devem ter em vista que nem sempre o ótimo fisiológico coincide com o ótimo psicológico. Se o estado fisiológico de um indivíduo contraindica certa atividade física o seu estado psicológico poderá exigí-la de maneira imperiosa. É preciso atentar bem que um traumatismo físico perdura por oito, dez, quinze dias, enquanto um traumatismo psíquico poderá fazer sentir os seus efeitos por oito, dez, quinze anos, quando não para o resto da vida.

**Repetimos, por mais uma vez, que é necessário penetrar na alma da criança, conhecê-la profundamente, compreendê-la em suas íntimas manifestações para poder realizar um trabalho verdadeiramente educacional.**

E, com exemplos, citaremos três casos que nos parecem bastante ilustrativos e que constituem apenas alguns das dezenas que temos observado e que constam dos nossos arquivos<sup>20</sup>. [...]

As ilustrações acima parecem-nos bastante evidentes e sobretudo convincentes para que consagremos grande parte da nossa atenção aos fundamentos psicológicos dos programas de educação física (MARINHO, 1944a, p.22-27 – grifo nosso).

Sobre a filosofia – as reflexões educacionais. A principal novidade de sua proposta:

**A filosofia nos permite a discussão daquilo que devemos entender por educação.** Antes, poderíamos aceitar um tipo de educação necessário, sem atender às exigências que o caráter de civilização, em que vivemos, agora reclama. Uma observação se torna, talvez necessária, em relação ao que podemos chamar de novas exigências. Muitas das velhas exigências permanecem substancialmente com o mesmo teor. Se as não mencionamos, isto não significará que não devam ser tomadas em consideração.

**Por êsse motivo, não podemos, de maneira alguma, conformar com a educação tradicional que se limita a ensinar as crianças a aprenderem as coisas, mas não a fazê-las. O século que vivemos é de ação e não de contemplação e, por conseguinte, devemos viver o presente olhando para o futuro e não contemplando o passado.** A nossa mente não poderá ficar ligada ao velho, mas voltar-se para o novo. Assim, a educação não deve ser cuidada em relação à geração que passou, mas àquela que há de vir. E a escola deve estar aparelhada, em material e em pessoal, para desenvolver a personalidade de cada aluno pelo trabalho que as suas capacidades permitem realizar e não limitar-se a distribuir tarefas padronizadas, que restringem o desenvolvimento daquelas capacidades e impedem a florescência da personalidade. E então o aluno limita-se a fazer simplesmente o que o mestre manda, a estudar só a lição que lhe foi

---

<sup>20</sup> A descrição dos casos, por sua extensão, pode ser encontrada no APÊNDICE B.

passada. O seu espírito de iniciativa, não encontrando campo apropriado, não germina, a criança se transformará num homem feito para ser governado, para obedecer, para servir. E a democracia exige homens que saibam governar, pelo menos a si próprios, possam mandar e tenham capacidade para dirigir.

A comunidade de hoje exige que todos os seus membros trabalhem, seja desta ou daquela fôrma. Já longe vai o tempo dos feudos, em que os senhores nada faziam e tudo ganhavam. **A educação deixou, pois, de ser um ornamento para tornar uma necessidade, não poderá ser aristocraticamente orientada no sentido de atender apenas aos mais favorecidos pela fortuna; deverá ser democraticamente dirigida para assistir a todos.** Os alicerces desta não repousam tanto nas pontas das baionetas, nas asas dos aviões ou nas quilhas dos navios, mas na educação de cada um dos seus cidadãos, nas capacidades que lhe foram cuidadosamente treinadas. Com baionetas, aviões e navios, não podemos, de um momento para o outro, obter educação aprimorada para cada cidadão, mas com a boa educação - boa no sentido útil -, as capacidades e as habilidades de cada cidadão teremos sempre baionetas, aviões e navios. E os Estados Unidos neste lustro que estamos atravessando, são a alegoria mais rica, mais convincente, mais decisiva de que é sôbre a educação de seu povo que repousam as bases das grandes nações.

Como diz R. Cassidy, a sociedade está atualmente procurando um novo molde para a civilização; o trabalho está procurando um novo molde para a indústria; **a educação está procurando um novo molde que esteja em harmonia com a mais recente filosofia social de todos os tempos; os indivíduos estão procurando um molde para viver num nível mais elevado. Reconciliar e interpretar êstes esforços é uma das tarefas da educação. À educação física caberá aí papel da maior relevância** (MARINHO, 1944a, p.27-29 – grifo nosso).

Por fim, o autor reforçou que com esta contribuição pretendia ter demonstrado o complexo aspecto sob o qual a Educação Física deveria ser encarada. Para ele, existia uma “necessidade inadiável de a libertarmos do limitado campo anátomo-fisiológico em que se vem mantendo entre nós, e que tem impedido o seu progresso e sobretudo dificultando o alcance de seus verdadeiros, amplos e superiores objetivos” e esta parece ter sido, de fato, uma de suas maiores metas (MARINHO, 1944a, p.29).

Analisando este escrito, percebe-se uma grande disposição por parte de Marinho para não só reorientar a práxis da educação física escolar, como, sobremaneira, propor uma nova base epistemológica para o campo, estando ela ligada a uma necessidade de compreensão da sociedade e dos papéis sociais da Educação Física e do esporte. Nesta tese, é possível também identificar muitas dimensões da figura do intelectual: suas tendências claramente humanistas expressas em seus diálogos com a sociologia, psicologia e filosofia; uma erudição e uma cultura geral destacável que pode ser identificada em suas constantes

referências aos textos clássicos; a aspiração de se colocar como um porta-voz e co-construtor dos novos paradigmas educacionais. Resumidamente, conforme aponta Melo (2010), nota-se que sua preocupação fundamental era ampliar os limites e a compreensão da Educação Física para além da prática em si; seu desejo era encará-la como um importante elemento da sociedade e dimensão da cultura, cujas origens remontavam ao passado.

Vale ressaltar, no entanto, que a DEF pareceu não ter dado prosseguimento à criação do Método Nacional de Educação Física, uma vez que não mais divulgou nenhuma proposta sobre o tema. Segundo Bruschi (2019), a responsabilidade em elaborar um método genuinamente brasileiro parece ter sido passada para Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) que, em agosto de 1944, até chegou a formar uma comissão oficial incumbida de organizar o Método Nacional, a partir da qual sete reuniões foram realizadas, porém sem maiores continuidades. Como aponta a autora, o objetivo passou a ser a introdução de novas formas de trabalho que não rompessem com os conhecimentos científicos preconizados pelo Regulamento nº 7 que instaurou o método francês no Brasil.

Contudo, embora tal método nacional nunca tenha sido desenvolvido por completo e adotado efetivamente pelos órgãos institucionais e governamentais, podemos afirmar categoricamente que Marinho não encerrou esse debate; pelo contrário, continuou a elaborar propostas referentes à sua sistematização e afins, como uma iniciativa particular. Além do mais, com uma produção intelectual expressiva, Marinho mostrou-se um importante agente de ao menos dois fenômenos perceptíveis: o embate teórico entre médicos e professores que se fortalecia dentro da Educação Física e o papel dos periódicos na circulação das ideias e debates referentes ao campo.

Neste período, abordou uma diversidade temática a partir da qual tanto soube vincular seu pensamento político-pedagógico como promover um discurso em defesa da área. Assim, apresentou seu posicionamento a respeito dos projetos que defendia, mas também criticou os que eram contrários aos seus propósitos para a consolidação e desenvolvimento da Educação Física. De fato, fora um dos intelectuais a publicar uma sequência de textos em que, em debate com demais interlocutores - principalmente médicos - manifestaria seus pontos a respeito da, aparentemente insolúvel, questão dos grupamentos homogêneos; isto é, como já abordado, uma questão intrínseca a qualquer método de educação física que fosse

adotado, e que surgiria em função das metodologias anteriores não serem consenso no meio.

No entanto, antes de abordar este debate especificamente, devemos melhor compreender o mecanismo de funcionamento de um dos principais periódicos responsáveis por divulgar a discussão à época e que servirá como fonte principal para este estudo. Analisar o Boletim de Educação Física, é, pois, o próximo passo desta presente pesquisa.

## 2 O BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Com efeito, aponta-se que uma das formas encontradas para a consolidação e divulgação da organização pretendida pelas instituições ligadas à Educação Física no começo da década de 40 foi através da publicação de periódicos especializados. Neste sentido, centra-se a ideia de que o Boletim de Educação Física, em particular, teria surgido como iniciativa do Ministério Público de Educação e Saúde com a finalidade de difundir, entre os vários agentes e instituições do território nacional, os trabalhos técnicos e artigos relevantes produzidos na área, bem como as novas configurações e regulamentações que a Divisão de Educação Física buscava empreender, principalmente no que se referia ao ambiente escolar (CASSANI, 2021; MONTEIRO, 2013; MOTA, 2019).

A partir deste entendimento inicial, alguns conhecimentos necessitam ser ampliados, tanto como alguns tópicos esmiuçados. A começar, como se deu o ciclo de funcionamento do Boletim e qual era sua linha editorial? Como pretendia colaborar, uma vez vinculado ao Estado, com a escola e a Educação Física? Como se situava e em que se diferenciava entre os demais periódicos concomitantes? Quais eram seus principais agentes, isto é, seus colaboradores mais assíduos? Como o tema dos grupamentos homogêneos foi retratado em suas publicações? É no seio destas discussões que o presente capítulo irá se desenvolver.

A fim de realizar este empreendimento, porém, devemos ser cuidadosos. Como aponta De Luca (2005, p.116), Jean Glénisson, ao comentar os procedimentos críticos demandados pelos impressos, ponderou que estes se revestiam de grande complexidade e, portanto, careciam de uma análise criteriosa: "sempre será difícil sabermos que influências ocultas se exerciam num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo". Tal visão insiste na crucialidade de se inquirir a respeito das fontes de uma dada publicação uma variedade de informações, dentre as quais, sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros; enfim, aspectos que por muito tempo foram negligenciados seja pelos historiadores que recorriam à imprensa, seja pelos que se dedicavam a escrever sua história.

De forma semelhante, Le Goff (2005) assevera que o documento deve ser submetido a uma crítica radical. Segundo o historiador francês, todo documento, de

alguma forma, trata-se uma mentira, já que é resultado de uma montagem da história e da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, ou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. Nesse sentido, caberia ao historiador não fazer o papel de ingênuo e desvelar as relações de poder que o envolvem e o constituem:

O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado tanto para impor uma imagem desse passado como para dizer a 'verdade' [...] é preciso desestruturar o documento para descobrir suas condições de produção. Quem detinha, numa sociedade do passado, a produção dos testemunhos que, voluntária ou involuntariamente, tornaram-se os documentos da história? (LE GOFF, 2005, p.76).

Em todo caso, é justamente nesta aparente complexidade que envolve os periódicos onde reside sua riqueza. A escolha de um Boletim ou afins como fonte de estudo justifica-se por entender-se a imprensa como um potencial instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social e política. Neste sentido, deve-se negar quaisquer perspectivas que o tomem como mero "veículo de informações", transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, alheio a realidade em que se insere, e sim tomá-lo como um produto sui generis da sociedade e do momento que o produziu.

## 2.1 HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS DE UM PERIÓDICO

O Boletim de Educação Física, publicado no Rio de Janeiro pela Divisão de Educação Física, teve sua entrada no universo editorial em junho de 1941. Logo na abertura de sua primeira edição, o então diretor da DEF, Major Barbosa Leite, assim o apresentou ao público:

O Boletim de Educação Física tem por objetivo divulgar os trabalhos técnicos e as medidas administrativas que vêm marcando as atividades da Divisão de Educação Física dentro do Departamento Nacional de Educação, de modo que se consiga melhor entendimento e colaboração mais perfeita entre o Poder Público, os estabelecimentos de ensino e o pessoal especializado. [...]

Com a periodicidade de três meses e a tiragem inicial de dois mil exemplares, o Boletim de Educação Física promete contribuir para a formação da unidade de doutrina indispensável aos especialistas encarregados de fortalecer, física e moralmente, a sadia juventude que há de conduzir o Brasil aos seus verdadeiros destinos. (LEITE, 1941a, p.3-4).

A colaboração e o entendimento pretendidos pelo editor sinalizam que num momento em que o campo se encontrava dividido em meio a disputas entre grupos de intelectuais que buscavam se constituir como referência na Educação Física, coube ao periódico estabelecer diálogo a fim de buscar conferir-lhe homogeneidade. Tal excerto, em consonância com os conteúdos publicados nas primeiras edições do periódico, indica ainda que a sua produção, ao menos em um primeiro momento, buscou principalmente atualizar os leitores quanto as ações desenvolvidas pela Divisão de Educação Física dentro da área, bem como se preocupou em trazer informes a respeito da normatização do ensino em território nacional. Não à toa, entre seus assuntos mais recorrentes, estavam legislações (portarias e decretos-leis), relatórios de conferências, resultados de verificações e inspeções de estabelecimentos de ensino e editais de concursos, eventos e estágios. Outros dois trechos, referentes à abertura da terceira e quarta edição do periódico, respectivamente, viriam a corroborar com esta suposição:

Com este número do Boletim, correspondente à terceira edição, do último trimestre de 1941, a Divisão de Educação Física tem ensejo de oferecer aos interessados a resenha das atividades que apresentou ao Senhor Ministro da Educação e Saúde para a revista geral dos trabalhos, comemorativa do decênio do governo Getúlio Vargas, em novembro de 1940. Completam-nos dados estatísticos pelos quais é possível entrever como se tem processado, sob variados aspectos, a evolução administrativa da educação física nos estabelecimentos de ensino secundário, além de outros informes sobre os serviços de verificação, registros, etc, realizados no triênio que teve início com o ano de 1938, bem como os resultados dos concursos promovidos pela divisão e levados a termo em 1941 (LEITE, 1941b, p.5).

Um ano de existência ativa e produtora significa, para nós, o aparecimento do quarto número do Boletim de Educação Física. Continuando em busca do mesmo objetivo que a animou de início – trazer os interessados pelos assuntos de sua superintendência sempre informados do que se vai realizando – a Divisão de Educação Física conseguiu reunir neste Boletim uma série de documentos de feição administrativo que lhe pareceram dignos de ampla divulgação (LEITE, 1942a, p.5).

De acordo com Da Mota (2019), podemos perceber neste interesse primário do Boletim, tendo em vista que no momento o campo começava a se estruturar de maneira mais acelerada devido às novas exigências que partiam, principalmente, do Governo Federal, um reflexo da urgência de se apresentar a situação da Educação Física no Brasil, privilegiando a formação técnica do professorado, bem como a



análise e investigação dos cursos de instrução e instalações para o ensino da educação física.

Já ao observarmos seu catálogo de edições, podemos identificar outros dois aspectos de interesse.

QUADRO 2 – Relação das publicações do Boletim de Educação Física durante seus anos de existência

| EDIÇÃO                           | DATA DE PUBLICAÇÃO | Nº PÁGINAS |
|----------------------------------|--------------------|------------|
| Boletim de Educação Física nº 1  | Junho de 1941      | 152        |
| Boletim de Educação Física nº 2  | Setembro de 1941   | 113        |
| Boletim de Educação Física nº 3  | Dezembro de 1941   | 124        |
| Boletim de Educação Física nº 4  | Março de 1942      | 65         |
| Boletim de Educação Física nº 5  | Junho de 1942      | 77         |
| Boletim de Educação Física nº 6  | Abril de 1943      | 99         |
| Boletim de Educação Física nº 7  | Agosto de 1943     | 95         |
| Boletim de Educação Física nº 8  | Dezembro de 1943   | 58         |
| Boletim de Educação Física nº 9  | Abril de 1944      | 63         |
| Boletim de Educação Física nº 10 | Agosto de 1944     | 124        |
| Boletim de Educação Física nº 11 | Dezembro de 1944   | 63         |
| Boletim de Educação Física nº 12 | Abril de 1945      | 75         |
|                                  |                    |            |
| Boletim de Educação Física nº 13 | Junho de 1955      | 112        |
| Boletim de Educação Física nº 14 | Julho de 1956      | 103        |
| Boletim de Educação Física nº 15 | Dezembro de 1957   | 158        |
| Boletim de Educação Física nº 16 | Dezembro de 1958   | 181        |

FONTE: Mota (2019).

Em primeiro lugar, o número de páginas irregulares, com variações entre 58 e 181 a depender da edição, que nos permite questionar se havia um planejamento editorial preocupado em buscar conteúdo para ser publicado ou se, por outro lado, as edições eram produzidas meramente apenas a partir da demanda interna da Divisão de Educação Física em divulgar suas ações e trabalhos de maior relevância. Corroborando com esta segunda alternativa, está o fato de que, principalmente durante os primeiros anos de publicação do Boletim, não é possível perceber um cuidado com alocar assuntos comuns em mesmas seções. Ademais, a leitura do periódico se mostra emaranhada pelo fato de que muitas vezes os editores não só colocam várias legislações em sequência no meio do Boletim, sem preocupação de demarcar corretamente a separação entre uma e outra, como também alternam relatórios de visitas com artigos sobre temáticas diversas. Com isso, passa-se a

também a questionar se a intencionalidade da organização do periódico serviria à leitura integral do que estava publicado ou se sua meta era apenas veicular documentos diversos, convertendo sua leitura em uma consulta interessada (MOTA, 2019).

Segundo, a presença de um considerável período de 10 anos sem publicações, já que, em 1946, as atividades do periódico são paralisadas<sup>21</sup>. Tal intervalo é importante de ser levado em conta, uma vez que, para além de marcar a transição entre um momento histórico e outro, refletiu em alterações na lógica interna da DEF e, conseqüentemente, do periódico. A título de exemplo, enquanto entre 1941 e 1945 houve doze publicações, durante praticamente o mesmo período de tempo no segundo ciclo ocorreram apenas quatro; a então periodicidade de três meses inicialmente prevista, portanto, agora passava a ser anual. Conforme Alfredo Colombo<sup>22</sup>, novo diretor da DEF a partir do começo da década de 50, a redução da taxa de publicações

prende-se a causas várias dentre as quais destacamos a insuficiência de verbas e a falta de pessoal para cuidar da coleta, seleção, redação, composição, revisão e impressão do material a ser divulgado. O reduzido pessoal que serve na Divisão de Educação Física é solicitado tanto para o desempenho de funções técnicas como administrativas. A composição e a impressão são feitas na Imprensa Nacional, que igualmente está com acúmulo de trabalho, o que concorre ainda mais para o atraso do nosso órgão de divulgação. A soma de todos esses fatores força-nos a editar somente um número por ano. (COLOMBO, 1957, p.9).

A falta de verba para manutenção do Boletim pode ser explicada por um fato ainda não mencionado: sua gratuidade. Este esclarecimento, embora apresente-se despretensioso a princípio, pode, em realidade, ser um importante indício do espaço ocupado pelo periódico em meio a imprensa especializada de Educação Física à época. Tal empreendimento deriva da observação feita por Ragazzini (2019) de que as fontes devem ser lidas a partir de suas múltiplas relações, e, também, de forma

---

<sup>21</sup> Parada (2006) hipotetiza que a Revista Brasileira de Educação Física deu continuidade ao Boletim de Educação Física a partir deste momento. Como indícios para esta suposição, ele destaca a semelhança entre o corpo editorial de ambas, a começar pelo fato de que o Major Barbosa Leite viria prontamente a assumir a direção da RBEF, bem como a preocupação editorial da RBEF de também divulgar as ações do Governo a favor do desenvolvimento da Educação Física, ainda que com seu estilo próprio. Em alguns momentos, a republicação de alguns artigos da RBEF pelo Boletim também viria a aparecer como uma mostra da proximidade entre os impressos.

<sup>22</sup> Professor Catedrático da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, Alfredo Colombo assumiu a direção da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, em 1954.

comparativa, na perspectiva de encontrar reiteração ou especificidade diferencial. Ao compararmos o Boletim com os demais impressos do período, portanto, intentamos verificar na prática como ele posicionava, tendo em vista que a relação entre os veículos de imprensa não é sempre unívoca, nem tampouco pautada por dispositivos de equivalente força e significância.

QUADRO 3 – Relação da imprensa especializada de Educação Física nas décadas de 1930 e 1940

| PERIÓDICO  | EDITORA  | PERÍODO E Nº EDIÇÕES |    |
|--|--|----------------------|----|
| Revista de Educação Física                                 | Escola de Educação Física do Exército          | (1932-1960)          | 76 |
| Educação Physica   | Companhia Brasil Editora                       | (1932-1945)          | 71 |
| Boletim de Educação Física                                 | Divisão de Educação Física                     | (1941-1958)          | 16 |
| Revista Brasileira de Educação Física                      | A Noite  | (1944-1952)          | 60 |
| Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos | Escola Nacional de Educação Física e Desportos | (1945-1966)          | 13 |

FONTE: Adaptado de Ferreira Neto (2005).

Ao colocarmos em um quadro a relação dos periódicos que movimentaram a Educação Física nas décadas de 30 e 40, logo percebemos que suas origens provêm de instituições cujas funções na sociedade são distintas. Dito de outro modo, é natural que uma revista publicada por uma editora privada cuja finalidade é vender opere com lógicas e condicionantes diferentes de outras publicada por um órgão vinculado ao poder público (MOTA, 2019).

O corpo editorial do Boletim reconhecia o lugar de autoridade que o periódico ocupava em meio a imprensa especializada de Educação Física e, com isso, o próprio uso de dispositivos visuais ou de veiculação de espaços para publicidade não era uma de suas prioridades. Como indica Cassani (2018), seu design era extremamente simples e direto; a impressão, feita com poucos desenhos e fotografias, as letras, padronizadas e monocromáticas em todo seu ciclo de vida. Sua missão principal era atuar como um recurso informativo e didático-pedagógico dotado de objetividade a fim de orientar os professores de educação física. É por este ângulo que a análise de suas publicações se mostra importante tanto para a identificação e compreensão das políticas educacionais implementadas pelo Ministério da Educação, como para compreender as questões que mais estavam em voga em certo momento.

Ao longo de praticamente toda sua vida útil, o Boletim, juntamente da publicação de documentos oficiais, como já mencionado, deu destaque a publicação de artigos e transcrição de conferências sobre temáticas diversas e de relevância para os professores de educação física; me refiro a textos sobre: qualidades e obrigações do professor de educação física, condução de aulas para deficientes e acidentados, exames médicos biométricos e provas práticas, grupamentos homogêneos, aulas para alunos cegos, métodos ginásticos, metodologia de ensino de esportes, entre outros. A este respeito, é pertinente constatar o lugar de destaque que possuíam determinados autores.

Efetivamente, na primeira edição do periódico, das dez conferências presentes, seis foram de responsabilidade de Inezil Penna Marinho e outras três do Dr. Paulo Araújo<sup>23</sup>. De modo geral, quando o assunto envolvia aspectos pedagógicos e qualitativos do ensino, recaía sobre Marinho o lugar de fala; já quando a temática era relacionada a exames físicos, fichas biométricas e ao âmbito médico-desportivo, propriamente dito, cabia a Araújo tomar partido. Posteriormente, na edição número 11 do periódico, cujo foco era totalmente voltado aos grupamentos homogêneos e da qual trataremos com maior evidência mais adiante, a situação viria a se repetir. Nos vários artigos republicados, ganhavam destaque os nomes Peregrino Júnior e Alfredo Colombo, mas novamente também o de Marinho

Como esclarece Mota (2019), este protagonismo correspondia não apenas à formação e à atuação de cada um deles, como também a própria função exercida dentro da DEF. Em um ofício enviado ao Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação em dezembro de 1941 e publicado na íntegra pelo Boletim de Educação Física, o Major Barbosa Leite, então diretor da DEF, justifica que, sendo múltiplos e distintos os encargos da Divisão, a mesma deveria ser distribuída em seções:

A secção Administrativa comportará os serviços de expediente, contabilidade, arquivo e biblioteca e se encarregará de todo e qualquer trabalho de administração da Divisão.

À secção Técnico-pedagógica caberá realizar investigações, projetos, verificações e inspeções, trabalhos de estatística, pareceres técnicos, planos, programas, instruções e fiscalização de livros técnico pedagógicos, tendo em mira a prática dos exercícios e a orientação pedagógica das escolas e cursos especializados.

---

<sup>23</sup> Paulo Frederico de Figueiredo Araújo foi médico, articulista, fundador e membro da S.E.P.E.F., além de amplo contribuidor dentro da DEF.

A secção Técnico-biológica terá a seu cargo as investigações, verificações e inspeções, pareceres técnicos, trabalhos bio-estatísticos, planos, programas, instruções, fiscalização de livros técnicos e gabinete biométrico, considerados sob o ponto de vista do melhor aproveitamento dos exercícios quanto aos efeitos fisiológicos.

A secção Técnico-desportiva ficará incumbida de investigações, verificações e inspeções, pareceres técnicos, trabalhos estatísticos, planos, programas, instruções, fiscalização de livros técnico-desportivos, com o objetivo de melhor orientar a prática dos desportos em geral. (LEITE, 1942b, p.17).

Logo a seguir, no mesmo texto, com a proposta já aprovada, foi baixada uma ordem de serviço a partir da qual foi descrita a distribuição do pessoal nas respectivas áreas. Inezil Penna Marinho foi nomeado chefe da Secção Técnico-pedagógica, enquanto o Dr. Paulo Araújo ficou a cargo da Secção Técnico-biológica. Lembrando que era essa estrutura interna que tanto fundamentava as conferências e concursos realizados pela Divisão de Educação Física como avaliava as ações e trabalhos desenvolvidos pelos profissionais a ela subordinados.

Para os propósitos a que se pretende, o trabalho agora irá analisar como foi disposta especificamente a temática dos grupamentos homogêneos dentro do Boletim de Educação Física.

## 2.2 OS GRUPAMENTOS HOMOGÊNEOS NAS PUBLICAÇÕES DO BOLETIM

Pode-se admitir, conforme De Luca (2005, p.139), que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”. O historiador, neste sentido, ao trabalhar com o que se tornou notícia, deve dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade à determinada temática na mesma medida em que se atenta para o destaque conferido ao acontecimento. Dessa forma, ao enfatizarmos as publicações do Boletim que, de alguma maneira, tratam dos grupamentos homogêneos, buscamos tomar conhecimento da grandeza da questão em meio ao universo de fatos concomitantes e compreender a forma como o periódico lhe deu visibilidade.

Por meio de um processo de mapeamento dos artigos e documentos publicados no Boletim foi possível identificar menções aos grupamentos homogêneos de diversas formas e em distintos contextos: como tema central ou secundário de conferências, em legislações (vide portarias nº 70 e nº 161), em

relatórios de visita e inspeção a estabelecimentos de ensino, como eixo temático para concursos de trabalhos de Educação Física, como pauta a ser abordada em congressos e cursos de especialização docente, em artigos e debates teóricos que problematizavam seu propósito e método, entre outros. Em suma, nota-se que seu aparecimento foi figura carimbada em praticamente todas as edições do periódico.

Como afirma Carlo Ginzburg (1989), a frequência com que certas palavras e frases aparecem nos documentos analisados indica pistas sobre o que se estuda. Para o autor, a percepção destes fatos em narrativas pode dar indícios do que os agentes de determinado meio estão debatendo ou sobre quais bases seu conhecimento está alicerçado. Partindo desta premissa, podemos supor que as constantes menções aos grupamentos homogêneos se davam porque era um tema que estava em destaque naquele momento; mais além, que se apresentava como fundamental para o desenvolvimento da educação física.

Tendo em conta que a frequência de palavras e frases, neste caso, não é um fim, mas um meio para encontrar alguns indícios narrativos, também podemos apontar o cenário que desenhava. As escolas, via decretos, eram orientadas a aplicar os grupamentos homogêneos para as aulas de educação física, a metodologia para sua realização necessitava ser difundida em território nacional, o controle e divulgação de sua aplicação precisavam ser realizados para organização própria da DEF e, principalmente, sua base teórica era discutida. A seguir, a fim de melhor analisar estas proposições, destacamos alguns dos materiais publicados.

Logo na primeira edição do periódico apresenta-se uma conferência realizada pelo Dr. Paulo Araújo intitulada "O grupamento homogêneo". Nela, Araújo disserta sobre a necessidade, para ele, primordial, de se distribuir as turmas de educação física de acordo com critérios de natureza biológica, pois, do contrário, a própria execução das atividades seria comprometida:

Para a educação física, as classes têm de ser constituídas de acordo com outros critérios, a fim de agrupar numa mesma turma escolares de desenvolvimento físico o mais homogêneo possível. Desta maneira, os benefícios auferidos são mais profícuos e o professor trabalha com maior facilidade. Tomemos os dados físicos (morfológicos e fisiológicos), mais característicos do corpo humano: a estatura, o peso e a resistência.

Se os alunos de determinada classe apresentam diferenças de estatura muito grandes, certos exercícios, como por exemplo, o salto em altura, será muito complicado, pois a altura do sarrafo deve ser fixada pelo professor, em relação à altura dos executantes; o jogo de "pular carniça" também

ficará muito cheio de anormalidades, desde que os participantes tenham alturas muito diversas.

Se o peso apresenta variações muito grandes, em uma mesma turma, nos exercícios em que um executante tenha de ficar montado sobre outro, veremos crianças muito pesadas montadas em colegas muito fracos, com muitos malefícios.

Finalmente, nos exercícios de corrida, em que todos os executantes têm de correr uma distância dada, ou em determinado lapso de tempo, desde que eles não tenham a mesma resistência, é de crer que os menos dotados façam um trabalho mais nocivo do que educativo.

Poderemos dizer, portanto, que, quanto maior for a homogeneidade física das turmas de educação física, menores serão os acidentes com as crianças, a fadiga dos professores, e a perda de tempo para todos (ARAÚJO, 1941b, p.110-111).

Para Araújo (1941b), a única exceção a esta metodologia deveria se dar na constituição das turmas para os vários desportos nas escolas de preparação para técnicos. Segundo o autor, nestes casos a homogeneidade física deveria ceder espaço à homogeneidade pela aptidão ou habilidade; exemplificativamente, ele cita que, para o melhor desenvolvimento de uma aula de natação, faz-se importante separar os que nadam bem, os que nadam pouco e os que não nadam.

Ainda neste texto, Araújo dedica algumas páginas a reforçar o método pelo qual a divisão das turmas deveria ser realizada. Primeiro, ele faz um panorama geral dos diversos modelos possíveis para a constituição de grupamentos homogêneos:

Afim de se conseguir a homogeneização física das turmas colegiais para educação física, há muitos meios. O mais completo seria mediante o fichamento segundo a escola constitucionalista de Viola, que permite chegar a minúcias notáveis. Entretanto, por motivos expendidos em palestra anterior<sup>24</sup>, ele se torna impraticável nos estabelecimentos de ensino, pelo menos na atualidade. O Doutor Floriano Stoffel utilizou-o em 1935, no Gabinete Médico das Escolas Técnicas Secundárias da Prefeitura do Distrito Federal, realizando notável trabalho de estudo em jovens escolares. O Dr. Sette Ramalho, na Escola de Educação Física do Exército, seguindo as normas preconizadas por Barbara, executa o engenhoso processo do perfil morfo-fisiológico, servindo-se de tabelas extraídas de trabalhos antropométricos em adultos, alunos da Escola. O Dr. Peregrino Junior preconiza a utilização do processo de Engelbach, que, com um número de

---

<sup>24</sup> A palestra anterior a que se refere Araújo intitulava-se “O exame médico-biométrico” e foi por ele mesmo proferida. Em determinado momento, o autor alega: “Quiséramos seguir desde o início a orientação constitucionalista de Viola na organização das fichas, por julgá-la a mais perfeita, entretanto isto acarretaria grande aumento de despesa, por parte dos estabelecimentos de ensino, e obrigaria a utilização de pessoal habilitado, em grande número, o que não se conseguiria tão cedo. Era intenção, igualmente, introduzir pesquisas de natureza psicológica, tão importantes em educação física, mas consideramo-las impraticáveis, pois as dificuldades apontadas antes seriam muito aumentadas” (ARAÚJO, 1941a, p.95).

medidas mínimo, chega a resultados idênticos aos dos anteriores procedimentos. Na Escola Nacional de Educação Física e Desportos realizou-se a separação de turmas utilizando-se somente os dados Peso e Altura. O Dr. Lauro Studart apresentou, em junho de 1940, no Congresso Paulista de Educação Física, um trabalho onde preconiza um processo levando em consideração o peso, a altura e capacidade vital. Têm sido utilizados outros meios, como a tabela de Cristians, Índices de Robustez, etc. A Divisão de Educação Física vem realizando o trabalho estatístico com os dados colhidos de acordo com as fichas médico-biométricas. Os cálculos são efetuados no Departamento de Estatística do Ministerio da Educação e Saúde e a Divisão de Educação Física organizará as tabelas convenientes. Quando tivermos estabelecido as medidas nacionais de todos os dados, será muito simples realizar o grupamento de maneira satisfatória, de acordo com as Instruções Médicas (ARAÚJO, 1941b, p.112-113).

Na sequência, descreve didaticamente sua proposição de como melhor operar com base no procedimento de coleta de dados padrão adotado pela portaria nº 161, uma vez que os trabalhos estatísticos ainda não estavam completos<sup>25</sup>:

No estado atual dos nossos trabalhos, ainda sem possuímos as tabelas mencionadas, temos de contentar-nos com a realização, mais ou menos empírica, do grupamento homogêneo segundo a identidade de condições morfo-fisiológicas dos componentes dos agrupamentos humanos considerados, pela comparação das respectivas fichas.

Antes de executar o fichamento médico-biométrico, o médico deverá saber o número total dos alunos, bem como quantas as turmas em que os deverá dispor, (atendendo aos locais disponíveis, aos horários para educação e ao número de professores).

Durante os trabalhos do fichamento médico-biométrico, o facultativo deverá utilizar uma série de anotações nas fichas, sintetizando um juízo sobre as condições orgânicas de cada aluno. Isso será fácil para uns, mas difícil para outros, dependendo do que poderemos chamar, à maneira do apregoador senso clínico de muitos médicos, de senso médico-biométrico. Essas anotações poderão ser expressas pelos julgamentos rápidos de constituição forte, média ou fraca (havendo necessidade, aumenta-se a graduação: muito forte, forte, média, fraca, muito fraca); ou seja: franzino, regular, robusto, ou ainda, desnutrido, boa nutrição e adiposo. Em caso de desvio da normalidade defini-la.

Desta maneira, o espírito de observação do médico vai fornecendo uma visão de conjunto que lhe facilitará muito a ulterior operação da divisão em turmas homogêneas.

As fichas são, então, convenientemente separadas em ciclos e graus, dentro dos quais será aplicado o processo que vai explicado a seguir. No caso de serem alunos de mais de 11 anos, que nunca foram submetidos a qualquer trabalho físico sistemático, todos deverão ser fichados no Ciclo Elementar 4.º grau, devendo depois ser aplicado o processo abaixo.

Terminada a tomada de medidas e a separação das fichas, iremos considerar inicialmente um dos dados de grande importância: a Estatura.

---

<sup>25</sup> Ver página 18.



Disponhamos as fichas na ordem de grandeza da estatura, e dividamo-las em tantas turmas quantas as previstas, todas com um mesmo número de componentes. Examinaremos, em seguida, todas as fichas sob o patrocínio de outro dado, também muito importante: o Peso. São reunidos em grupos os alunos cujo peso esteja muito aquém ou muito além da normalidade; ficam, assim, formados grupos de características próprias: os adiposos, os desnutridos e os que poderemos chamar de normais. Novos deslocamentos são feitos, entrando em jogo, agora, a Idade. Mais característicos, ficam os grupos. Outro dado que fornecerá indicações interessantes é a Capacidade Vital. Finaliza o nosso processo o exame das fichas à luz do exame clínico e das anotações fornecidas pelos julgamentos rápidos.

Os alunos são entregues ao professor, e o médico irá assistir, no terreno, ao resultado do seu trabalho de gabinete. Pode acontecer que entendimentos entre o médico e o professor se imponham, para os últimos reajustamentos, considerada, agora, a maneira como certos alunos se comportam nas sessões.

Passemos ao laudo médico. Será de grande utilidade o médico apontar a classe em que colocou os alunos, seguindo as denominações apontadas na Portaria Ministerial n. 161. p ex., 1 5g, 2 6h, etc., devendo acrescentar em seguida: exercícios comuns do ciclo e grau, quando se tratar de alunos normais, e, no caso de deficiências em órgãos e aparelhos, aconselhar os exercícios ou práticas que visem a corrigir o desvio (ARAÚJO, 1941b, p.113-115).

Na terceira edição, encontra-se transcrita uma conferência pronunciada pelo Prof. Cesar Vasquez, Diretor Geral de Educação Física da República Argentina, na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, que tematizava sobre problemas fundamentais concernentes à Educação Física dentro do contexto argentino. Para os fins deste trabalho, chama a atenção um trecho em específico no qual o palestrante comenta sobre o tema da formação de turmas e as questões relativas ao seu processo de aplicação:

Considero que un programa de educación física debe componerse esencialmente de actividades naturales, desarrolladas en lo posible al aire libre. Aconsejamos igualmente la separación de sexos por lo menos desde los doce años. **La formación de grupos homogéneos es de sumo valor, para que cada alumno no sufra un complejo de inferioridad, y tenga una participación activa dentro de sus posibilidades físicas y el respeto hacia la personalidad del joven como la forma más eficaz para desarrollar esa personalidad.** [...] Con relación al examen físico médico de los alumnos. considero que significa una necesidad, como así también la colaboración entre los médicos, sin que ello implique que los ejercicios deban ser dirigidos exclusivamente por facultativos. El Servicio Médico de la Dirección General de Educación Física ha sido creado, fundamentalmente, para realizar lo que podríamos llamar "la Clínica de la Educación Física en la Argentina", vale decir, el estudio de los problemas de orden fisiológico, clínico, biométrico y de laboratorio que plantea la educación física moderna, si queremos obtener de ella el máximo y óptimo rendimiento (VASQUEZ, 1941, p.72-73 – grifo nosso).

Na sexta edição do periódico, em publicação que discorria sobre os dados estatísticos da educação física no ensino secundário, há uma página destinada exclusivamente a trazer em números como estava ocorrendo a divisão das turmas para as aulas de educação física em estabelecimentos de ensino do território nacional.

QUADRO 4 – Dados da DEF referentes ao critério de formação de turmas para educação física escolar em estabelecimentos de ensino

| <b>Os estabelecimentos de ensino que organizaram ou não turmas especiais para os exercícios físicos apresentavam a seguinte proporção</b>                 |      |      |      |      |
|---|------|------|------|------|
| Ano   | 1938 | 1939 | 1940 | 1941 |
| Sim   | -    | 551  | 532  | 532  |
| Não   | -    | 46   | 29   | 14   |
| <b>Entre os estabelecimentos que organizavam turmas especiais variava muito o critério de grupamento dos alunos conforme se verifica no quadro abaixo</b> |      |      |      |      |
| Grupamento  | 1938 | 1939 | 1940 | 1941 |
| Homogêneo   | -    | 309  | 392  | 457  |
| Por idade (cronológica)   | -    | 170  | 132  | 50   |
| Por sexo  | -    | 11   | 4    | 2    |
| Em fracos, médios e fortes  | -    | 7    | 6    | 1    |
| Por classes de aula   | -    | 39   | 29   | 14   |
| Em menores e maiores  | -    | 6    | 5    | 2    |
| Por altura  | -    | 5    | 5    | 2    |
| Em normais e deficientes  | -    | 4    | 5    | 4    |
| Sem especificação   | -    | -    | 4    | -    |

FONTE: Elaboração própria, fundamentada no texto “Dados estatísticos sobre a educação física no ensino secundário” (1943).

Ainda dentro deste espectro que aborda aspectos relativos à formação de turmas, nas páginas seguintes são colocadas outras tabelas que buscavam mapear a quantidade de estabelecimentos que realizavam exame médico biométrico e provas práticas, havendo especificação para quantidade de vezes que os procedimentos eram realizados por ano. Os dados fornecidos convergem e permitem leituras pertinentes. O primeiro pormenor que se destaca é a preocupação da DEF em criar um banco de dados para acompanhar, a nível nacional, a aplicação ou não aplicação de suas orientações legais. Em seguida, percebe-se como em um período de apenas 3 anos, isto é, entre 1939 e 1941, a quantidade de estabelecimentos usando o critério dos grupamentos homogêneos aumentou substancialmente ao passo que demais metodologias, principalmente a pautada

exclusivamente pela idade, foram substituídas. Ao que parece, tais mudanças resultam, dentre vários fatores, dos esforços empreendidos pela DEF para fazer circular, entre os vários agentes do território nacional, os artigos, conferências e documentos relativos à aplicação e discussão da formação dos grupamentos homogêneos, sendo o próprio Boletim um importante veículo.

Na sétima edição do periódico, evidencia-se uma publicação que traz as conclusões finais do I Congresso Pan-Americano de Educação Física. Curiosamente, dentro das 21 conclusões ressaltadas, mais de um tópico aborda, em especial, a questão dos grupamentos homogêneos:

14 – Devem ser empregados todos os esforços para o estabelecimento de fichas médico-biométricas exequíveis, cuja simplicidade não prejudique as finalidades para que forem criadas: registro de dados, formação de grupos homogêneos, controle dos exercícios físicos, etc., obedecidas as diretrizes dominantes em heliciobiologia<sup>26</sup>.

15 – As instituições competentes devem entregar-se ao estudo dos elementos realmente necessários à determinação dos valores que devam ser utilizados de maneira exequível e eficiente na composição de grupos homogêneos para a prática dos exercícios físicos com finalidade educativa (CONCLUSÕES FINAIS..., 1943, p.8).

Estes registros, assim como a já mencionada fala do Prof. Cesar Vasquez, nos permitem pensar que o problema dos grupamentos homogêneos não era algo exclusivo do contexto brasileiro. Muito pelo contrário, discussões a seu respeito vinham ganhando cada vez mais destaque e fronteiras.

De qualquer maneira, fato é que dentro do campo de debates que envolvia os intelectuais da Educação Física brasileira, este adquiriu contornos especiais. Não por acaso, a décima primeira edição do Boletim de Educação Física apresenta uma lógica de publicações que a difere de todas as demais; trata-se de uma edição voltada, única e exclusivamente, para republicação de artigos que debatiam a questão dos grupamentos homogêneos. Por toda a profundidade envolvida, é disso que trataremos a partir de agora, em um capítulo à parte.

---

<sup>26</sup> Não foi encontrado nenhum significado ou correspondência para “heliciobiologia” nem no Boletim, nem tampouco em buscas realizadas na Hemeroteca Digital Brasileira. Acreditamos que sua menção possa ter sido derivada de algum erro de tradução ou de digitação por parte do periódico.

### 3 O DEBATE EM TORNO DOS GRUPAMENTOS HOMOGÊNEOS NO BOLETIM

Com a adoção do Método Francês como método de ensino oficial para aulas de educação física durante a década de 1930, foi necessária a adaptação de um modelo para formação de classes tão homogêneas quanto possível. Este novo método, amparado pelos discursos desenvolvidos por médicos e fisiologistas reconhecidos à época, orientava a separação dos educandos conforme o critério da idade fisiológica, calculada a partir do cruzamento de dados coletados nos exames clínicos e biométricos.

Tendo em vista a falta de consenso sobre a aplicação deste critério, entretanto, distintos agentes vieram a propor alternativas próprias a respeito de como proceder com a formação de turmas, sendo que diversos destes conceitos foram desenvolvidos e publicados nas revistas especializadas de Educação Física do período, o que, concretamente, transformou estes impressos em instrumentos de incessantes debates. Neste empreendimento, ganharam destaque uma série de artigos e réplicas em cujos títulos estampava-se “O eterno problema do grupamento homogêneo”, protagonizados pelo Dr. Peregrino Júnior e pelo professor Inezil Penna Marinho.

Como sustenta De Luca (2005), em um cenário como o descrito, a importância dos periódicos aumenta conforme estes se configuram como espaços privilegiados para fermentação intelectual, isto é, como projetos coletivos responsáveis por agregar pessoas em torno de ideias que se pretendem discutir e difundir a partir da palavra escrita. Para mais, poderíamos concebê-los ainda como espaços de politização onde pessoas e/ou grupos deixam registrados seus interesses e revelam suas lutas políticas.

Partindo destas premissas e retomando uma ideia já exposta na introdução, o Boletim de Educação Física, embora não tenha sido necessariamente o espaço onde originalmente ocorreu o debate, uma vez que a maior parte dos artigos por ele publicados tenham sido republicações, ganha notoriedade a partir da visibilidade que buscou dar a tal, principalmente como veículo ligado à Divisão de Educação Física. Na abertura da 11ª edição do periódico, voltada exclusivamente para a temática, é justamente o que esclarece o Major Barbosa Leite:

O problema do grupamento homogêneo em educação física tem sido dos mais debatidos no Brasil. Foi o tema de que mais se ocupou também o I Congresso Panamericano de Educação Física, ficando a sua solução adiada para o II Congresso Panamericano de Educação Física a realizar-se em 1945, na cidade do México. [...]

Nada mais oportuno, portanto, do que reproduzir no presente Boletim os artigos com que os estudiosos debateram a questão do grupamento homogêneo e as conclusões a que, a respeito, chegou a Reunião de Educação Física, da qual participaram os diretores de órgãos especializados, escolas e cursos de educação física (LEITE, 1944, p.5)

### 3.1 O ETERNO PROBLEMA DO GRUPAMENTO HOMOGÊNEO

Em seu primeiro artigo da série denominada “O eterno problema do grupamento homogêneo”<sup>27</sup>, Peregrino Júnior (1944a, p.7) começa sua fala enfatizando que “se há em Educação Física um problema que seja a um tempo difícil, complexo e atraente, é o problema do grupamento homogêneo”. Afinal, embora o autor reconhecesse que este não era um problema particular da Educação Física, mas sim uma questão geral da educação, para ele foi neste campo que a temática mais vinha apaixonando e perturbando os espíritos; bastaria ver a quantidade de teses e trabalhos produzidos a seu respeito ao longo dos últimos anos. Além do mais, tratando-se, em última análise, de um assunto de interesse geral e importância fundamental, o autor frisou a necessidade de situá-lo de acordo com a sua amplitude e transcendência, levando em conta a extensão das suas consequências e dificuldades dentro do campo da Educação Física:

Já Mac Cloy adverte com muita razão: "The arguments against the homogeneous grouping of pupils for school activities have often been led away from the main issues by the complications of a few special cases. The reasons cited against homogeneous groupings have usually centered around the classification within one grade for classroom subjects, using the intelligence quotient as the criterion. The social stigma of being accounted relatively stupid has been held to be too high a price to pay for the increased efficiency of instruction. Other arguments, such as that the pupils are artificially segregated in groups that will have no real counterpart in life after school days, are sometimes introduced. **Most of these arguments apply very little to the problem of homogeneous groupings in physical education**" (PEREGRINO JÚNIOR, 1944a, p.7 – grifo nosso)

Peregrino Júnior (1944a) sustenta que diante de tão complexas dificuldades, a atitude discordante dos especialistas de Educação Física seria um fator a mais a

---

<sup>27</sup> Publicado anteriormente na RBEF, edição número 7, em julho de 1944.

sempre comportar hesitações a dúvidas. A título de exemplo, ele viria a trazer rapidamente um panorama histórico de várias das sugestões e tentativas anteriormente articuladas a fim de agrupar de modo homogêneo os estudantes<sup>28</sup>. Entre todas as situações elencadas, à qual é conferida maior destaque pelo autor diz respeito à tabela de Christian que vinha sendo utilizada pela Liga de Natação do Rio de Janeiro. Os elementos fundamentais desta classificação, a saber, sexo, idade, peso, altura e capacidade vital (para avaliação de dois órgãos importantíssimos, o coração e o pulmão), eram colhidos no exame-morfológico e condicionavam a soma de determinado número de pontos, que classificariam os indivíduos do sexo masculino e feminino em distintas categorias. Dito processo, em que pesasse todas suas possíveis ressalvas, configurava-se para o autor como um excelente roteiro para a elaboração de outros grupamentos mais adequados à educação física e ao método francês especificamente; método este que, como já vimos e Peregrino Júnior recapitula, estava carente de um método consensual para a formação de turmas naquele momento.

Para corroborar com seus comentários, Peregrino Júnior (1944a) faz menção a um relatório apresentado pelo Departamento Médico da ex-liga carioca no congresso brasileiro de Atletismo de 1939 em que se afirma que os resultados obtidos com a Tabela de Christian foram amplamente compensadores e promissores, uma vez que não só as performances dos grupos atingiram um nível excepcional, como não houve supremacia de performance de uma categoria inferior sobre outra superior.

Tendo como base esta apreciação e estabelecendo relações com demais autores norte-americanos, ao finalizar seu texto, Peregrino Júnior (1944a) propõe sua sugestão para o problema - elaborada com a colaboração do sr. Gouvêia, do Serviço de Estatística do Ministério da Educação e Saúde. Desejando que sua proposta fosse concebida como uma simples hipótese de trabalho e não como solução definitiva e ainda reiterando a importância da colaboração crítica de todos os técnicos e estudiosos da Educação Física, o autor levantou quatro pontos capitais a partir dos quais toda e qualquer tentativa séria de formação dos grupamentos deveria se desenvolver. E vêm a ser os seguintes: 1) Os processos de grupamento

---

<sup>28</sup> Dito panorama se mostra muito semelhante ao que havia sido feito por Araújo (1941). Ver página 44.

devem ser simples, rápidos e exequíveis; 2) Devem basear-se em tabelas de pontos; 3) Devem depender do menor número de medidas; 4) Devem ser flexíveis e adequados aos casos particulares.

Cabe ressaltar ainda que ao longo de seu texto Peregrino Júnior (1944a) menciona que os professores Alfredo Colombo e Inezil Penna Marinho tinham também suas propostas próprias de grupamento, baseadas em outra perspectiva, mas confessou não conhecer bem estes processos pelo fato de não terem sido divulgados formalmente e tornou público o convite para que ambos expusessem seus pontos de vista.

Isto posto, não tardou para que Marinho viesse a publicar ele próprio um longo artigo sobre o tema, também intitulado “O eterno problema do grupamento homogêneo”<sup>29</sup>. Para começar, situou seu texto como uma obrigação de prestar publicamente alguns esclarecimentos e ao mesmo tempo uma felicíssima oportunidade de mostrar suas ideias a respeito dos grupamentos, tendo como mote sua menção no texto de Peregrino Júnior - de quem, cabe dizer, não poupou elogios por mais que dele discordasse em aspectos teóricos:

O Dr. Peregrino Júnior, muito digno catedrático de biometria da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil publicou interessante trabalho sobre o assunto que mereceu os maiores debates durante o Primeiro Congresso Panamericano de Educação Física. Inegavelmente, êsse ilustre professor tem colocado todo o vigor de sua cultura, todo o entusiasmo de sua pena, tôda a segurança de seus conhecimentos científicos a serviço de uma das mais importantes causas nacionais: a educação física do povo brasileiro. É raro folhear uma revista de educação ou especializada em educação física sem encontrar um trabalho do nosso eminente patrício e ainda recentemente, por ocasião do Primeiro Congresso Argentino de Educação Física, realizado em Buenos Aires, tive a satisfação de ver o seu nome várias vezes citado pelo Dr. Gofredo Grasso e o interesse manifestado pelo Prof. Júlio J. Rodriguez, do Uruguai, em obter um dos seus mais recentes livros. **Sou, portanto, um admirador do Prof. Peregrino Júnior, mas isto não impede que dêle divirja na maneira por que encara a questão do grupamento homogêneo.** Aliás, no Primeiro Congresso Panamericano de Educação Física tivemos o feliz ensejo de debater os nossos pontos de vista e, como é lógico, respeito muito aqueles que têm um ponto de vista firmado, pois isto destaca a sua personalidade e demonstra reflexão sobre o assunto, quando não amadurecimento de idéias (MARINHO, 1944b, p.13 – grifo nosso).

---

<sup>29</sup> Publicado anteriormente na RBEF, edição número 8, em agosto de 1944.

Antes de prosseguir para sua metodologia e confrontar a visão de seu colega, contudo, Marinho julgou necessário expor alguns conceitos básicos a respeito da temática:

Inicialmente, devo afirmar que quase todos estão certos com as formas de grupamento homogêneo que apresentam; mas, e aqui está o ponto nevrálgico da questão, cada uma delas se destina a uma finalidade. É humanamente impossível que o mesmo grupamento possa servir a diversos fins. O importante, pois, é determinar, antes de tudo, para que desejamos o grupamento homogêneo. E, neste caso, não digo no dos médicos, mas no dos professores de educação física o objetivo é o seguinte: reunir na mesma turma indivíduos que permitam realizar um trabalho físico aplicável a todos quer quanto à intensidade, quer quanto à complexidade dos exercícios. Não interessa ao professor de educação física, no seu trabalho de campo, que dois, cinco ou dez indivíduos sejam morfológica e funcionalmente quase iguais, apresentem as mesmas medidas, mas que realizem com o mesmo rendimento o trabalho que lhes indicado. O que o professor deseja é que o seu trabalho transcorra normalmente, que todos os alunos daquela turma saltem um mínimo já estabelecido, corram certa distância, subam na corda, nadem, etc, a fim de não perder com um aluno desajustado o tempo que pertence a todos os outros. É isso o que alguns médicos ainda não compreenderam, insistindo em impor ao professor de educação física um pseudo grupamento homogêneo, que, no campo, vem sempre se mostrar falho, dificultando o trabalho eficiente do professor de educação física. Um grupamento feito no gabinete só poderá servir para fins de gabinete; o grupamento para o trabalho no campo terá de ser feito no campo (MARINHO, 1944b, p.14).

Como podemos ver, Marinho prontamente traz à tona dois pontos centrais de sua visão para o debate. Primeiro, frisa que o ponto nevrálgico da questão está no fato de que cada forma de grupamento homogêneo, ao ter seus critérios estabelecidos, destina-se à determinada finalidade; indicando, assim, que não devemos discutir se um modelo é mais ou menos perfeito, mas sim se é o mais adequado para a situação. Na sequência, estabelece uma distinção clara entre os papéis do médico e do professor neste processo, defendendo a autonomia do segundo no que se refere à definição da finalidade da atividade e aos critérios que devem ser utilizados para separar os alunos. Para ele, quando se visa a formação de turmas para as aulas práticas, um grupamento feito pelo médico no gabinete, isto é, a partir da coleta de dados anátomo-fisiológicos, jamais pode substituir o grupamento realizado pelo professor no campo. Trata-se de uma relação de correspondência; afinal, tampouco o professor estaria capacitado para realizar o acompanhamento clínico do aluno.

Dando continuidade ao texto, Marinho (1944b) passou a fundamentar cientificamente o que, segundo ele, era o ponto de vista já corroborado por dezenas



de professores de educação física militantes. Neste caso, ele volta a comentar que para cada fim que se tenha em vista, distinto será o grupamento homogêneo a que se deverá proceder. E a razão para tal seria simples. Bastaria raciocinar que se o grupamento homogêneo visa a reduzir, tanto quanto possível, as diferenças individuais entre os alunos de uma turma, sendo essas diferenças aferidas sempre em relação ao objetivo que se tem em vista, ao mudá-lo, naturalmente se necessitaria de um novo grupamento.

Com isso, Marinho (1944b) viria a formular seus princípios gerais para organização de quaisquer grupamentos homogêneos, cujos pontos aparecem como segue: 1) Determinação do fim específico a que deverá seguir o grupamento; 2) Seleção de conhecimentos, capacidades ou habilidades que deverão ser consideradas preponderantes em relação ao fim que se tem em vista; 3) Elaboração de medidas que permitam verificar estes conhecimentos, capacidades ou habilidades; 4) Confirmação no campo prático de que estas formas de medida são realmente efetivas para medir os conhecimentos, capacidades ou habilidades anteriormente estipuladas como critério de ordenamento.

Retomando à realidade particular da Educação Física, Marinho (1944b) questionou novamente o limite entre os papéis dos professores e dos médicos no seguimento do processo para a formação das turmas. Para ele, os grupamentos homogêneos eram, em essência, um problema de natureza educacional, cuja complexidade demandava muito mais do que apenas saberes provenientes da biologia, sendo o saber médico, por outro lado, sim, de suma importância, mas desde que dentro de seu contexto - o de acompanhar o estado de saúde dos educandos:

Os médicos especializados em educação física, assim como os não especializados, procuram encarar a questão, como se essa só lhes dissesse respeito, sem consultar o interesse dos professores de educação física, que verificam, na prática, serem falhos os critérios adotados.

Em torno do grupamento homogêneo foram travados os mais interessantes e demorados debates, em que tomaram parte, de um lado, o autor deste artigo, sustentando a tese de que o grupamento homogêneo é uma questão pedagógica, e do outro o Dr. Peregrino Júnior e outros médicos que o consideravam um problema de alçada médica, de fundamento exclusivamente morfo-fisiológico.

Quando dizemos que o grupamento homogêneo é uma questão pedagógica, não excluimos a contribuição da biologia, mas não admitimos que a solução do problema seja fornecida exclusivamente pela biologia.

A pedagogia recolhe os seus fundamentos em três ciências que a alicerceiam: a biologia - que permite conhecer as necessidades daquele que se vai educar; a sociologia que indica os fins para que se vai educar e a psicologia - que, possibilitando a compreensão dos interesses daquele que se vai educar, fornece os meios para educar<sup>30</sup>. [...]

Sendo o problema do grupamento homogêneo de ordem pedagógica, quer nas classes de ensino, quer nas sessões de exercícios físicos, a sua realização deverá caber naquelas classes ao professor de letras e nestas sessões ao professor de educação física.

A contribuição do médico é muito importante e não está representada pela mensuração dêste ou daquele segmento, por êste ou aquele perímetro, mas pela interpretação segura do funcionamento de cada um dos aparelhos responsáveis pelo estado geral de saúde do indivíduo e pelo pleno gozo da sua eficiência física. É este o verdadeiro papel do médico, que se encontra desvirtuado de suas finalidades, malbaratando a sua cultura especializada e menosprezando a sua variada gama de conhecimentos com a tomada de simples medidas que qualquer pessoa após pequena prática, poderá fazer, talvez com melhor técnica, pela mecanização do trabalho, pela produção em série (MARINHO, 1944b, p.18-19).

Marinho (1944b), ao complementar, ainda ironizou o critério morfo-fisiológico, dizendo que ninguém jamais imaginou agrupar os alunos em uma classe considerando a conformação de sua caixa craniana ou mesmo seu índice cefálico. Como afirma o autor, todo e qualquer grupamento deve ser feito a partir de testes que comprovem a aptidão de cada um, seja para a leitura ou para o cálculo, e a educação física não deve fugir desta lógica; a grande diferença reside em sua especificidade. No caso da educação física, Marinho considera que é a capacidade física que representa o fundamento principal de que precisa o professor para separar os alunos homogeneamente, sendo as provas práticas, por sua vez, a melhor forma de avaliá-la:

Principalmente no campo da educação física, a aptidão e a capacidade física não poderão ficar desprezadas; esta última representa o fundamento do grupamento de que precisa o professor de educação física para realizar as suas sessões. No campo das atividades práticas não importa que dois indivíduos tenham as mesmas dimensões de pernas ou braços, mas que corram uma determinada distância em tempos correspondentes, subam em um cabo altura equivalente, saltem distância ou alturas semelhantes. É isto o que interessa ao professor de educação física (MARINHO, 1944b, p.19).

---

<sup>30</sup> Por meio deste trecho, também podemos ver o interesse de Marinho em retomar sua ideia anteriormente desenvolvida a respeito do conceito em que se deveria basear a educação física em contraponto ao modelo anátomo-fisiológico. Ao falar de pedagogia, o autor claramente remete à perspectiva bio-sócio-psico-fiosófica por ele defendida. Esta ideia será retomada mais a frente por Alfredo Colombo.

Muita gente há que confunde aptidão física com capacidade física, utilizando as duas expressões indiferentemente; aptidão física diz-se das possibilidades naturais do indivíduo, enquanto a capacidade física está representada pela facilidade, presteza e segurança com que o indivíduo possa mobilizar as suas fôrças e aptidões, no exercício, nos jogos ou nos desportos. Na sua representação podemos utilizar a seguinte fórmula: capacidade física = aptidão física + treinamento. A capacidade física é verificada por meio de provas práticas ou pelo rendimento do trabalho (MARINHO, 1944b, p.28).

Nessa perspectiva, Marinho (1944b) não poupou críticas às diretrizes do método francês, uma vez que este, segundo ele, falhava grandemente em dois aspectos. Primeiro, não dava o devido valor às provas práticas ao tratá-las mais como um fim do que como um meio de se alcançar os objetivos propostos:

É preciso ter presente que as provas práticas são um meio e não um fim; sempre que transformamos um meio num fim, há fracasso do sistema. Se passarmos a preparar os alunos para satisfazer exclusivamente às provas práticas, estas perderão por completo o seu valor, pois deixarão de ser um meio de verificação para se tornarem um objetivo a atingir. Foi justamente o que aconteceu, entre nós, com um grande número de professores primários que não estavam preparados para fazer uso do teste pedagógico e o transformaram num fim, quando ele é exclusivamente um meio de verificação da aprendizagem. As provas práticas são um meio de verificação do desenvolvimento das qualidades físicas, do grau de aperfeiçoamento do sistema neuro-muscular (MARINHO, 1944b, p.28).

Em segundo lugar, tampouco fazia questão de aplicá-las de modo sistematizado e satisfatório em todos os níveis:

O Método Francês não prevê provas práticas para as passagens do 1.º para o 2.º, deste para o 3.º e do 3.º para o 4.º grau do ciclo elementar, correndo as mesmas exclusivamente por conta do desenvolvimento morfo-fisiológico. Esse critério não nos parece muito acertado, pois somos favoráveis à realização de provas práticas para a passagem de um grupo para outro e achamos mesmo que esta não se deverá verificar sem que a criança demonstre objetivamente que está em condições de receber um regime de trabalho não apenas mais intenso, mas também mais complexo. A Divisão de Educação Física poderia considerar a questão e estabelecer provas adequadas que permitissem suprir essa deficiência do Regulamento Geral de Educação Física N. 7. Para a passagem dos demais graus e ciclos o Método Francês estabelece provas com índices que foram por nós adotados sem a menor hesitação, sem qualquer adaptação, o que constituiu grave erro no qual laboramos. A natureza deste trabalho não permite analisar as provas em questão, mas, de qualquer maneira, a passagem de um grupo a outro deverá depender sempre da satisfação dos índices estabelecidos para as provas correspondentes (MARINHO, 1944b, p.36).

A partir disso, Marinho (1944b) propôs, enfim, o que para ele era a forma ideal de se organizar os grupamentos homogêneos em educação física tanto no ensino

primário como no secundário. Tal estrutura deriva do modelo geral anteriormente por ele estabelecido e constaria de três fases: a) exame médico biométrico a partir de fichas simples e objetivas, constando de um exame clínico minucioso que apontasse as condições de saúde e estado dos indivíduos (classificando-os em normais ou deficientes/anômalos) e um exame biométrico aferindo apenas o peso e a estatura; b) provas práticas a fim de separar os alunos considerados normais pelos exames médicos<sup>31</sup> em grupos, devendo estas ser estabelecidas depois de estudadas as qualidades físicas essenciais ao bom desempenho dos trabalhos no campo; c) subdivisão dos grupos em turmas considerando o peso ou a estatura dos alunos em caso de excedente de alunos em determinado grupo, o que, nas palavras do próprio autor, se daria da seguinte forma:

Organizados os grupos, de acordo com os resultados das provas práticas e sendo estes em número superior ao limite estabelecido para cada turma (45 alunos no ensino secundário), poderemos distribuir os alunos pelas turmas de modo a torná-las ainda mais homogêneas. Preliminarmente todos os alunos de que agora dispomos gozam saúde e são considerados normais; daí constituímos vários grupos de acordo com a eficiência física de cada um, eficiência essa demonstrada nas provas práticas. Suponhamos 90 alunos do 1.º grau do ciclo secundário. Ora, todos são normais e cumpriram os índices estabelecidos para a obtenção do certificado do 4.º grau do ciclo elementar; devemos organizar duas turmas, com 45 alunos cada uma. A primeira turma, que denominaremos A, poderá ser integrada pelos indivíduos de maior peso ou estatura e então os dividiremos de acordo com o que está demonstrado no quadro 2, no item anterior. Conforme o número de alunos de que se disponha, o grupo poderá ser desdobrado em turmas A, B, C, D, E, etc., obtendo-se assim cada vez maior homogeneidade (MARINHO, 1944b, p.36-37).

É de referir que Marinho (1944b), ao concluir a exposição de suas ideias, fez questão de reiterar seu menosprezo ao critério de idade fisiológica até então estabelecido na lógica do método francês; para ele, este conceito nada mais era do que um “tabu” criado pelos médicos. Segundo a lógica do articulista, para desmascará-lo bastaria um argumento simples: nos indivíduos normais a idade cronológica coincide com a idade fisiológica, ou então eles deixarão de ser normais e naturalmente participarão de atividades em separado. Assim sendo, não faria sentido despender numerosos recursos na elaboração de processos que fornecessem dados para determiná-la, nem tampouco basear a ordenação de todos

---

<sup>31</sup> Marinho (1944b) salienta que os acidentados fazem trabalhos específicos e, por isso, não se enquadram na lógica dos agrupamentos homogêneos.

os alunos com base nela. O grupamento homogêneo a ser realizado deveria ser pensado, basicamente, a partir de provas práticas para os indivíduos normais, uma vez que o grupamento de anormais é teórica e praticamente impossível. Para o autor, a falta de clareza com relação a algo tão trivial surgia do fato dos médicos insistirem em observar o assunto exclusivamente do ponto de vista médico e clínico, quando, na verdade, trata-se de um problema educacional.

Antes de finalizar o texto por completo, Marinho (1944b) quis ainda fazer alguns comentários diretamente aos pontos que o Dr. Peregrino Júnior havia levantado como fundamentais para formação de grupamentos homogêneos. No caso, confessou concordar única e exclusivamente com o primeiro aspecto por ele trazido, o de que os processos devem ser simples, rápidos e exequíveis.

De acordo com Marinho (1944b), a própria leitura que Peregrino Júnior fez da tabela de Christian estaria equivocada. Segundo ele, o médico esqueceu-se de esclarecer que, na Liga de Natação, a tabela de Christian era empregada apenas para iniciantes, enquanto para os adultos era adotada a classificação de acordo com o número de vitórias (eficiência física), a exemplo de demais modalidades como Remo e Atletismo. Da mesma maneira, posicionou-se contrário ao parecer do Dr. Peregrino Júnior de que só poderia haver grupamento com o uso de medidas biométricas e questionou veementemente a ideia de grupamentos flexíveis, pois considerava que a homogeneidade só teria valor se aferida em relação a especificamente algum critério. Para Marinho (1944b, p.39), conclui-se que “o autor do trabalho que estamos analisando só admite grupamento com medidas, isto é, como biometrista que é. [...] Vimos há pouco que há processos de grupamento sem a tomada de qualquer medida morfológica ou funcional”.

No intervalo entre uma réplica e outra, o Boletim de Educação Física escolheu republicar um texto do Major Barbosa Leite intitulado “Grupamento Homogêneo”<sup>32</sup>; texto esse do qual proveio a epígrafe deste trabalho. Inicialmente, Leite (1944b) quis contextualizar os leitores quanto à altura em que estava discussão. Visando isso, comentou do protagonismo de médicos e professores frente à busca de uma solução para o problema e abordou pontos que até dado momento ele considerou ser fulcrais, como o fato da questão não ser exclusiva da educação física e a

---

<sup>32</sup> Publicado anteriormente na RBEF, edição número 9, em setembro de 1944.

necessidade de se desenvolver um modelo que se aplicasse à manobra de grandes massas escolares.

Em todo caso, o que chama a atenção no discurso de Leite, enquanto diretor responsável pela DEF, é sua confissão de que o problema dos grupamentos homogêneos tanto havia se alongado que sua resolução se tornara impróvel. Como ele comenta, a fim de auxiliar na busca por uma solução, os próprios periódicos especializados da Educação Física foram colocados à disposição para divulgar e articular o debate:

Da simplicidade com que o imaginou Hébert, o principal inspirador do método por nós adotado, admitindo que "por faire l'education d'un grand nombre de sujets à la fois, commencer par les répartir en groupes aussi peu nombreux que possible (8 à 10 élèves ou plus)" e que "les élèves d'un même groupe doivent être de force à peu près égale", êle chegou a tornar-se tão complicado que na maioria dos casos, é freqüente atingir-se ao meio do ano letivo antes de terem sido iniciadas as sessões de educação física, por não se haver ultimado o grupamento dos alunos.

E, segundo estamos informados, a situação chegou a tal ponto que a D.E.F se vê forçada a baixar instruções com uma série de medidas entre as quais recomenda respeito ao grupamento do ano anterior para os alunos antigos, feitas apenas as modificações indicadas pelos resultados das últimas provas básicas, e prioridade para os exames médico-biométricos dos alunos novos, até que um melhor entendimento do problema, por parte de médicos e professores, nos conduza a uma solução prática. satisfatória.

Enquanto isso, colocamos as colunas de nossa Revista à disposição dos estudiosos desse interessante assunto, considerando-os a debatê-lo livremente, a exemplo do que já vem sendo feito por dois dos nossos mais prestigiosos colaboradores (LEITE, 1944b, p.42)

Já em resposta às proposições de Marinho, o Dr. Peregrino Júnior realizou a publicação de um novo artigo com a mesma titulação "O eterno problema do grupamento homogêneo"<sup>33</sup>, em que se manifestou diante dos pontos levantados pelo colega e elucidou alguns tópicos referentes a seu posicionamento descrito no artigo anterior. Na abertura do texto, Peregrino Júnior optou por manter o então decoro e cordialidade que vinha caracterizando a discussão e quis deixar claro que, segundo ele, as discordâncias entre ambos eram apenas aparentes:

Teve o meu primeiro artigo sobre o grupamento homogêneo uma utilidade imediata: sugeri ao Professor Inezil Pena Marinho um estudo extenso e exaustivo do assunto.

---

<sup>33</sup> Publicado anteriormente na RBEF, edição número 10, em outubro de 1944.

Antes de nada, quero agradecer a este brilhante batalhador da educação física entre nós as referências tão generosas e cordiais que fez ao meu nome e à minha obra. A minha colaboração à grande campanha em que estamos empenhados tem sido modesta: mas tem sido sincera e desinteressada e nisto reside o seu único mérito.

Quanto às divergências porventura existentes entre os nossos pontos de vista, elas são apenas aparentes. Na realidade, há quase completa coincidência entre as nossas idéias gerais sobre o assunto, o que se explica e justifica, de vez que nos encontramos ambos na grande encruzilhada do problema, em busca de um roteiro certo. Trabalhando invariavelmente com a mais severa honestidade de propósitos, tenho a confortadora certeza de que da conjugação e da harmonia dos nossos esforços comuns, poderá vir resultar alguma solução útil para este capítulo da educação física (PEREGRINO JÚNIOR, 1944b, p.43),

Assim sendo, de início, Peregrino Júnior (1944b) contestou a rotulação que lhe fora atribuída de defensor do grupamento homogêneo como um problema morfo-fisiológico e, conseqüentemente, de alçada médica. Para ele, neste ponto residia o grande equívoco de seu colega não só a seu respeito, como a respeito da função dos médicos dentro da escola como um todo:

Avesso por temperamento e por educação, a todo e qualquer dogmatismo, não defendo idéias ortodoxas a respeito do grupamento. Nem o considero um problema exclusivamente biológico, nem um problema exclusivamente pedagógico: nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Estou, no caso, exatamente equidistante dos dois extremos... Porque acho que o grupamento tem que ser feito ao mesmo tempo pelo médico e pelo professor de educação física, estando bem nitidamente limitadas às fronteiras das atribuições de cada um (PEREGRINO JÚNIOR, 1944b, p.44).

Peregrino Júnior (1944b) enfatiza que, de fato, o médico realiza os dois primeiros passos da formação dos grupamentos homogêneos: primeiro, divide os alunos em normais e anormais; em seguida, realiza o exame biométrico e faz a seleção de alunos por peso e altura. No entanto, para ele, isto demonstra justamente que o médico, em verdade, não realiza grupamento algum; limita-se a apenas realizar as verificações clínicas necessárias. Após a examinação e mensurações essenciais dos indivíduos, o médico encaminha as respectivas fichas ao professor de educação física e este, com a soma dos dados das provas práticas, é quem determina os grupamentos. Para Peregrino Júnior, trata-se, assim, de uma operação realizada em cooperação e não em oposição como sugerira Marinho (1944b):

Eis aí: assim se definem e delimitam as atribuições, dos médicos e professores, na execução do grupamento. E verifica-se, ao mais elementar exame do problema, que não se trata de privilégio exclusivo do médico,

nem de atribuição privativa do professor: é tarefa resultante da colaboração íntima e harmônica de ambos, mas que deve ser realizada, no campo, pelo professor (PEREGRINO JÚNIOR, 1944b, p.45)

Dando seguimento aos esclarecimentos, Peregrino Júnior (1944b) manteve seu posicionamento a respeito da necessidade do uso de medidas e tabelas para que o grupamento fosse científico e afirmou que, em certa medida, o próprio professor Inezil Penna Marinho compartilhava deste ponto, uma vez que levava em conta uma subdivisão por meio do peso e da estatura. Para ele, a formação dos grupamentos sem o uso de um sistema de coleta de dados bem definido o converteria em um processo empírico baseado tão somente na avaliação do “olhômetro”; algo que evidentemente não seria interessante no momento.

Finalmente, Peregrino Júnior (1944b) destacou que a sua preferência por uma tabela de pontos para as fichas de educação física devia-se ao fato de se tratar de um instrumento de simples manejo, de demonstrações claras e que permitiria uma determinação mais impessoal dos grupos, afastando da organização do grupamento qualquer influência catatímica. Além disso, reafirmou que sua ideia de um grupamento flexível seria a solução ideal para o problema:

Agora, isso de fazer um grupamento específico para cada caso particular como quer o Professor Inezil, é complicar inutilmente a questão. O grupamento flexível, de que falei, é exatamente a solução ideal, porque embora obediente a certas regras de ordem geral (suponhamos, as medidas de peso e altura), varia em cada circunstância, de acordo com sua finalidade particular, na aplicação das provas práticas destinadas, por exemplo, à verificação da aptidão física. Em conclusão, permaneço onde estava.

- 1.) Acho que o grupamento deve ser o resultado do trabalho conjugado e harmônico do médico e do professor, mas que a este é que cabe realizá-lo no campo;
- 2.) Reafirmo a necessidade de adotar processos simples, rápidos e exeqüíveis, baseados em tabelas de pontos, flexíveis, e adequadas aos casos particulares, e dependendo do menor número possível de medidas;
- 3.) Continuo a considerar o problema do grupamento homogêneo uma questão aberta, e por isso mesmo considero úteis todos os debates e todas as controvérsias dêste terreno:
- 4.) Quanto às dúvidas do Professor Inezil Penna Marinho a respeito do tabu da idade fisiológica, a culpa não é nossa: o problema não comporta mais dúvidas nem hesitações entre aqueles que o estudam e investigam (PEREGRINO JÚNIOR, 1944b, p.46).



Em meio a esse diálogo, observamos uma publicação do professor Alfredo Colombo, cujo título se apresenta como “A organização de classes em Educação Física”<sup>34</sup>, que, na prática, trata-se de uma resposta a sua menção no primeiro artigo da série “O eterno problema do grupamento homogêneo”, publicado pelo Dr. Peregrino Júnior.

De começo, Colombo (1944) quis esclarecer que não era dono de um processo pessoal de grupamento, mas sim um simples estudioso empenhado em alcançar uma verdadeira Educação Física. Declarou ainda que certamente lhe foi atribuída tal propriedade em razão de um trabalho por ele apresentado no I Congresso Panamericano de Educação Física quando defendeu tanto a importância das provas práticas para auxiliar a classificação dos alunos no início do programa de treinamento como a importância de se utilizar a capacidade física como um dos fatores na determinação da homogeneização das turmas.

Com base nas leituras que vinha realizando sobre o tema, Colombo relatou ter percebido que, no Brasil, tal como em outros países, havia uma forte disputa entre médicos e professores pela autoridade dos processos para constituição dos grupamentos homogêneos e reconheceu na figura de Marinho um valoroso defensor do reconhecimento do campo da Educação Física:

Da leitura dos trabalhos dos citados colegas e de outros autores concluímos que ocorre agora entre nós fato idêntico ao havido em outros países onde, ora médicos, ora pedagogos, disputavam a prioridade de seus processos para a constituição de grupos homogêneos. No Brasil o problema vinha sendo teórico e praticamente encarado somente do ponto de vista médico, apesar de que, no campo da aplicação, uma grande maioria de professores realizava-o de modo diferente, isto é, levando em conta as habilidades motoras dos alunos. Entre aqueles que têm debatido o assunto, o Professor Penna Marinho, por ocasião do 1.º Congresso Panamericano de Educação Física, teve a primazia de defender oficialmente, entre nós, a idéia de atribuir-se ao professor o papel principal do grupamento para as classes de educação física (COLOMBO, 1944, p.48).

Feito estes primeiros apontamentos, Colombo (1944) passou a descrever um breve histórico do que ele considerava ser a evolução do ideal de homem buscado pela Educação Física. Começou seu discurso pela Grécia Antiga onde o primitivo ideal era o de um soldado atleta, de força e potência aliadas à perfeição da forma e prontamente se deslocou para a realidade dos séculos XIX e XX. Deste momento,

---

<sup>34</sup> Publicado anteriormente pela RBEF, edição número 12, em outubro de 1944.

ele ressaltou o papel da antropometria na busca pela simetria e tão logo as avaliações motoras na procura por um indivíduo cada vez mais hábil, veloz e preciso. Este panorama que, em uma primeira vista, pode soar desprezível, não é, contudo, desinteressado. Por meio desta linha cronológica, Colombo pretendeu demonstrar como ao longo da história os processos utilizados para o encaminhamento da educação do corpo sempre estiveram diretamente ligados aos objetivos e às filosofias educacionais das várias épocas em que foram aplicados.

Dessa forma, nota-se que Colombo considera que ao falarmos da formação dos agrupamentos homogêneos invariavelmente estamos discutindo, também, a respeito do conceito de educação física que se emprega, já que seria impossível o uso de um mesmo agrupamento para diversos fins e que o importante era, primeiramente, determinar o objetivo que se almejava atingir. Neste caso, Colombo concorda com Marinho (1944b) e vincula ao problema em questão a abordagem da perspectiva pedagógica para educação física por eles defendida:

Entre nós os objetivos visados na Educação Física são de natureza morfo-fisio-psico-social. Para alcançá-los utilizamos vários meios ou formas de trabalho que requerem qualidades físicas, tais como: agilidade, flexibilidade, equilíbrio, força, resistência e as vezes a combinação de duas ou mais.

Na aplicação desses meios é de grande vantagem a reunião de indivíduos tanto quanto possível semelhantes na capacidade de realização da atividade a ser exercitada. Para aprendizagem da leitura, da escrita, etc. de se existir grupos diferentes: o mesmo para a física para cada espécie de atividade física.

Diz o Professor Penna Marinho: "É humanamente impossível que o mesmo agrupamento possa servir para diversos fins. O importante, pois, é determinar, antes de tudo, para que desejamos o agrupamento homogêneo".

As atividades físicas por nós utilizadas estão reunidas nas seguintes sessões de trabalho: Sessão de Ginástica (morfo-funcional ou morfológica), Sessão de Acrobacias, Sessão de Pequenos, Grandes Jogos, etc. Uma visam mais a estrutura morfológica, outras mais a função, sendo sempre atendidas, porém, as necessidades psico-sociais. [...]

Vários são os modos de execução dessas atividades, possibilitando a obtenção de idênticos resultados por indivíduos de tipos morfológicos completamente diferentes. No setor esportivo são inúmeros os casos que vêm fortalecer essa afirmação (COLOMBO, 1944, p.49).

Tendo como base esta proposta, Colombo (1944) descreveu que a classificação dos indivíduos segundo suas habilidades motoras, por mais que não fosse facilmente aplicável às sessões de trabalho físico, facilitaria e muito o trabalho do professor e tornaria mais eficiente a prática das atividades desenhadas como um

todo, quer fosse pela motivação e interesse que despertariam nos alunos (uma vez que estes estarão em um ambiente de estímulo e competitividade uniforme), quer fosse pela possibilidade de uma seleção mais apurada dos exercícios reclamados pelo grupo. Em todo caso, Colombo salienta que mesmo dentro dessa fórmula alguns cuidados e ajustes são necessários tendo em vista que

É difícil reunir alunos com a mesma habilidade em todos os exercícios. Logo, no que se refere às habilidades, o grupamento será heterogêneo no todo e homogêneo nas partes, ou melhor, no caso da Sessão de Ginástica podemos ter indivíduos de habilidades diferentes no todo do trabalho, porém grupos de habilidade igual em cada parte da Sessão, isto é, em cada exercício. Uma espécie do Sistema Winnetka<sup>35</sup>. Parece-nos, portanto, que o caso das habilidades não é tanto de grupamento e, sim, principalmente de organização na aplicação do trabalho (COLOMBO, 1944, p.53).

Para terminar, Colombo (1944) expôs em resumo sua posição sobre a organização das classes de educação física. De igual modo a Marinho (1944b), Colombo defendeu a necessidade de um exame biométrico para verificação das condições de saúde e tomada das medidas de peso e altura procedido por um exame prático capaz de verificar a aptidão individual dos alunos a fim de separá-los em seus respectivos ciclos e graus de forma tão homogênea quanto possível no que se refere ao grau de capacidade física.

Encerrando a lista de artigos da edição voltada ao debate em torno dos grupamentos homogêneos, publicou-se, com a mesma titulação de sempre, “O eterno problema do grupamento homogêneo”<sup>36</sup>, o posicionamento do professor Inezil Penna Marinho acerca das considerações feitas por Peregrino Júnior (1944b) e Colombo (1944).

---

<sup>35</sup> Marinho (1944b, p.20) já havia sugerido e explicado o Sistema Winnetka: “Carleton Washburne, inspirado em Frederico Burk, o pai do ensino individualizado, é o autor deste sistema, que talvez seja, de todos, o que melhor atende às diferenças individuais no ensino. Os escolares, embora na mesma sala de aula, são classificados por matéria, de acordo com as suas capacidades para cumprir o programa previsto. Deste modo, um aluno pode estar no segundo ano de aritmética e no terceiro ou quarto de linguagem: a promoção é feita por matérias, em qualquer época do ano letivo, e não significa para o aluno mudança de classe, mas tão somente que irá receber tarefas mais difíceis e que seus livros serão substituídos por outros mais adiantados”. Com isso, Colombo comenta que por mais que seja feito o grupamento com base na capacidade física, naturalmente, a depender do conteúdo da aula, os alunos terão melhores ou piores desempenhos. E como é inviável reunir apenas alunos com a mesma habilidade em todos os exercícios, esta seria uma abordagem que não alteraria a estrutura geral da formação das turmas, mas apenas promoveria pequenos ajustes em dados momentos.

<sup>36</sup> Publicado posteriormente pela RBEF, edição número 14, em fevereiro de 1945.

Desta vez, Marinho (1944c) assumiu ter tido a satisfação de poder verificar alguns pontos de vista em comum com o Dr. Peregrino Júnior. Especialmente, parabenizou-o no que se refere ao reconhecimento da necessidade do trabalho em conjunto entre médico e professor para a realização do grupamento e por seu posicionamento sobre o direito do professor de educação física ao agrupar as turmas. Entretanto, contestou a colocação do colega em caracterizar os apontamentos feitos por ele como um grande equívoco, dado que, ao longo do seu artigo anterior, em nenhuma passagem ele havia atribuído ao professor de educação física qualquer função no grupamento homogêneo.

Subsequentemente, Marinho (1944c) voltou a insistir contra a ideia de um grupamento flexível defendida por Peregrino Júnior. Para ele, por mais flexível que fosse dito grupamento, ainda assim não atenderia razoavelmente a fins diversos, reforçando sua posição de que cada grupamento deveria variar de acordo com sua finalidade particular, por exemplo, por meio da verificação do grau de capacidade física para aulas de educação física ou com base no número de vitórias para alguns esportes como natação e remo.

Com relação ao artigo publicado por Alfredo Colombo, Marinho (1944c) não poupou elogios. Especialmente, agradeceu pelas menções ao seu nome no decorrer do texto e se mostrou contente ao ver que seu colega compartilhou de suas conclusões a respeito da formação dos grupamentos homogêneos:

Como acabamos de verificar, as conclusões a que o Professor Colombo chega, após grande prática e minuciosas observações, e com a sua autoridade de catedrático da cadeira de "Educação Física Geral" da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, são as mesmas que formulamos e isso cada vez nos dá maior certeza de que estamos trilhando o bom caminho (MARINHO, 1944c, p.60).

### 3.2 SÍNTESE ANÁLITICA DO DEBATE: DAS LUTAS DE REPRESENTAÇÕES AOS DISCURSOS TÁTICOS

De acordo com Roger Chartier (1990), os discursos - e por extensão, os debates - não são determinações neutras, mas sim construções culturais permeadas por valores, ideologias e disputas. Em suas análises, o historiador demonstra como a produção e a circulação dos discursos enquanto representações, isto é, formas simbólicas por meio das quais a realidade é construída, interpretada e comunicada,

estão enraizadas nas relações de poder existentes na sociedade, influenciando e moldando a forma como as pessoas pensam, agem e se relacionam:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p.17).

Para Chartier, portanto, a noção de representações deve ser situada em meio a um contexto de constantes disputas por poder em que determinados sujeitos buscam legitimar seus projetos em detrimento de outros. Como afirma,

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio! (CHARTIER, 1990, p.17).

No que se refere ao debate em torno dos grupamentos homogêneos, podemos perceber a existência de uma luta de representações entre o discurso médico defendido pelo Dr. Peregrino Júnior e o discurso pedagógico defendido pelos professores Inezil Penna Marinho e Alfredo Colombo. Percebe-se como por meio de suas colocações os debatedores, para além de discutir o conteúdo técnico próprio da temática, buscam atuar em defesa da autonomia e autoridade de suas respectivas classes dentro do campo da Educação Física. Logo, nenhum especialista se fez presente em meio a essas discussões de forma neutra e desinteressada.

Marinho (1944b, p.37) afirmou conhecer tão somente um médico que tivesse sentido o problema dos grupamentos homogêneos como deveria, como “nós, professores de educação física, o sentimos: o Dr. Paulo Frederico de Figueiredo Araújo. Os demais insistem em observar o assunto exclusivamente do ponto de vista médico, quando se trata de um problema educacional e não clínico”<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Cabe ressaltar que isto não significa que Marinho defendesse o mesmo modelo para formação de grupamentos homogêneos que Araújo (1941) propusera. Araújo (1941) defendeu o uso de critérios médicos para formação de grupamentos homogêneos para as aulas de educação física; no entanto, também reconheceu que ao menos para as aulas de desportos, tal como natação, nas escolas de preparação para técnicos, dever-se-ia ceder lugar ao critério da aptidão física ou habilidade. Provavelmente é a este segundo ponto que Marinho (1944b, p.37) se refere. Em todo caso, vale-se a mensagem de que, para Marinho, os médicos, como um todo e enquanto classe, compreendiam erroneamente o problema.

Como bem aponta Rocha (2022), mesmo no caso do Dr. Peregrino Júnior, que relatou que suas reflexões sobre o assunto se tratavam de um “gratuito espírito de colaboração”, é possível identificar um interesse secundário, tendo em vista que, no início da década de 1950, ele, na figura de um médico, viria a assumir a direção da ENEFD, muito provavelmente impulsionado pelo destaque a ele conferido durante o período do debate.

Identificamos que essa luta de representações ocorreu quando os autores buscavam demonstrar a superioridade de seus modelos próprios para a formação dos grupamentos, desenvolvendo argumentos para provar a capacidade que um método avaliativo tinha sobre o outro e colocando em xeque a legitimidade de qual profissional deveria conduzir o processo. Verificamos, no entanto, que essa luta se alastrou para a discussão de sob qual perspectiva deveria estar baseada a educação física.

Como já indicado, Inezil Penna Marinho e Alfredo Colombo apropriaram-se taticamente<sup>38</sup> da discussão para abordar o conceito pedagógico de educação física por eles defendido. Ao trabalharem com a premissa de que a formação de grupamentos homogêneos deveria ser questionada, em primeiro lugar, frente aos objetivos que se busca atingir pela educação física, e, seguidamente, frente à natureza das atividades que se pretender realizar, e por isso a insistência de se reiterar a relevância do uso de provas práticas voltadas para avaliação da capacidade física, das habilidades motoras, ambos os autores estavam inserindo de maneira sutil seu posicionamento em meio aos discursos estrategicamente impostos de manutenção do método francês e sua perspectiva anátomo-fisiológica.

Marinho (1944b, p.18-19), por exemplo, sustenta que o grupamento homogêneo é uma questão pedagógica e frisa que dita pedagogia recolhe seus fundamentos em três ciências que a alicerceiam: “a biologia - que permite conhecer as necessidades daquele que se vai educar; a sociologia que indica os fins para que se vai educar e a psicologia - que, possibilitando a compreensão dos interesses

---

<sup>38</sup> Conforme Certeau (1998), as táticas são práticas improvisadas e adaptativas dos indivíduos que operam dentro das estruturas de poder estabelecidas, quer seja pela proposição de discursos alternativos, quer seja pela apropriação de espaços de fala. Elas podem envolver ações não oficiais e muitas vezes invisíveis aos olhos do poder dominante: “sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião” (CERTEAU, 1998, p.47). Em suma, podemos visualizar a ação tática, realizada pelos indivíduos de forma flexível e adaptativa, como uma oposição à ação estratégica, planejada por um grupo dominante a fim de preservar determinada estrutura.

daquele que se vai educar, fornece os meios para educar”. Colombo (1944, p.49), por sua vez, respalda o colega ao dizer que “Entre nós os objetivos visados na Educação Física são de natureza morfo-fisio-psico-social”, sendo que para atingi-los seria basilar o desenvolvimento de aulas dinâmicas pautadas em jogos, esportes, acrobacias, etc. e que atendessem às necessidades holísticas dos participantes.

Da mesma maneira, em conformidade com Rocha (2022), observamos que, novamente de modo tático, ambos os autores procuraram direcionar não só a formação das turmas como também a própria condução da disciplina para a figura do professor de educação física. Dentro desta lógica, não descartaram o papel do médico na escola, mas o colocaram apenas como parte do processo e nunca como detentor da palavra final. Evidentemente, esta ideia de redesignar a função de cada profissional estava atrelada à busca de controle do campo e à oportunidade de desenvolver, dentro das possibilidades do programa de ensino, a perspectiva educacional preferida. No caso, atribuindo a figura de autoridade aos professores de educação física, permitir-se-ia a substituição, ou ao menos a modificação, da concepção essencialmente morfofisiológica defendida pelo Método Francês<sup>39</sup>.

Por fim, cabe dizer que em um momento como esse, em que o campo da Educação Física brasileira estava se ordenando, é natural, e, de certa forma, até esperado, que haja lutas e discursos por representatividade. O Estado ainda buscava constituir sua estrutura organizacional e o próprio regulamento por ele até então adotado para a disciplina escolar havia sido uma importação estrangeira que, como um todo, pouco dialogava com a realidade nacional. Os debates entre especialistas diversos era uma forma de buscar encontrar, se não uma verdade absoluta, ao menos um meio termo entre as muitas propostas que surgiam; já a necessidade de se outorgar autoridade a profissionais capacitados era premente visando conferir robustez a quaisquer decisões tomadas.

---

<sup>39</sup> Como vimos ao longo do primeiro capítulo, o desenvolvimento de um Método Nacional de Educação Física em contraposição ao Método Francês até então adotado era pauta em voga para professores de educação física e Inezil Penna Marinho aparecia como um de seus grandes articuladores.

## CONCLUSÃO

De início, o presente trabalho se propôs a compreender como um importante periódico da Educação Física retratou em suas páginas o debate em torno dos grupamentos homogêneos. Para realização deste empreendimento, no entanto, prontamente percebemos a necessidade de se explorar muito mais do que apenas uma coletânea de artigos teria a nos dizer – até para que pudéssemos, destes documentos, no momento certo, extrair o máximo possível.

Em um primeiro momento, portanto, investigamos como a formação de grupamentos homogêneos com base em critérios anátomo-fisiológicos para as aulas de educação física estava diretamente vinculada à implementação do Método Francês como metodologia oficial de ensino da disciplina. Identificamos, também, que em meio a este cenário havia uma forte oposição entre discursos a respeito do conceito sob o qual deveria se basear a educação física. Se por um lado o método vigente era amparado pela união dos saberes militares, no que se referia à sua execução, e médico, no que se refere à sua justificativa e embasamento teórico, por outro havia a figura de professores que defendiam sua substituição por um método nacional que fosse alicerçado em bases humanistas e criado a partir da percepção da realidade brasileira; neste caso, destacou-se o professor Inezil Penna Marinho por sua obra intitulada “O conceito bio-sócio-psico-filosófico de Educação Física em oposição ao conceito anátomo-fisiológico”.

Na sequência, tomamos como objeto de estudo o Boletim de Educação Física, um periódico chancelado pela Divisão de Educação Física, que tinha como meta fazer circular entre os vários sujeitos e instituições do território nacional as novas configurações e regulamentações para a disciplina e que surgiu em um momento de organização do campo a fim de conferir-lhe homogeneidade. Dentre seus conteúdos mais recorrentes, intencionalmente encontravam-se republicações de legislações, relatórios de conferência e congressos, artigos de temática pertinente, editais de concurso, entre outros documentos de interesse, principalmente, para professores. Neste quadro, vimos como era considerável o destaque dado à temática dos grupamentos homogêneos em contextos diversos: ora como tópico de portarias, ora como assunto central de palestras ou ainda como centro de grandes discussões. A que tudo indica, uma das razões para abordagem constante do assunto se deve não só a relevância da temática para o desenrolar da



disciplina, como também ao fato de que a metodologia então sugerida pela DEF para divisão das turmas carecer até aquele momento de parâmetros estatísticos bem definidos e não ser consenso entre o meio. Esta situação levava os especialistas da Educação Física a se posicionarem e, dessa forma, enfim chegamos ao debate em torno dos grupamentos homogêneos.

Utilizando como fonte a 11ª edição do Boletim, entendemos como por meio de uma série de artigos da série intitulada “O eterno problema do grupamento homogêneo”, distintos especialistas da Educação Física, a partir de suas próprias epistemologias, vieram a publicar suas impressões e sugestões a respeito da questão. O Dr. Peregrino Júnior, por exemplo, em seu primeiro artigo da sequência, não só defendeu sua perspectiva de que os grupamentos deveriam ser realizados a partir de fichas biométricas, como também convidou Inezil Penna Marinho e Alfredo Colombo a explicarem seus modelos. Ambos os professores, por sua vez, compartilhavam de ideias comuns e argumentaram de forma pertinaz a favor do uso de provas práticas que avaliassem a capacidade física/habilidade motora dos educandos para formação dos grupamentos.

Vimos, no entanto, que, durante o debate, muito mais do que apenas a discussão de modelos para formação de turmas, estava em jogo uma luta de representações marcada por discursos táticos e estratégicos. Afinal, tanto o Dr. Peregrino Júnior como os professores Inezil Penna Marinho e Alfredo Colombo tinham interesse em representar a autoridade de suas respectivas classes dentro do campo, sendo que, particularmente, Marinho e Colombo foram além ao se aproveitarem taticamente da discussão para atuar em prol da perspectiva educacional por eles defendida como contraponto ao Método Francês.

Com isso, notamos que o Boletim de Educação Física, enquanto veículo ligado ao Estado, tinha, por assim dizer, grande responsabilidade em suas mãos ao publicar os artigos do debate. Embora esta prática não fosse novidade para o periódico, uma vez que ele se caracterizava por muitas vezes publicar editais para concursos de trabalhos sobre educação física e, em edições seguintes, publicar os textos vencedores ou, ao menos, trechos deles, desta vez o desafio era diferente.

A temática dos grupamentos homogêneos, que já vinha se mostrando relevante, ganhara novos contornos com o debate e o periódico, que tinha como

uma de suas missões coadunar saberes de interesse para a formação de um professorado qualificado e, na medida do possível, unificado<sup>40</sup>, não podia deixá-lo passar despercebido. A escolha, pois, foi por selecionar os textos de maior notoriedade e publicá-los todos juntos em uma edição totalmente voltada para este fim, com intermediação do Major Barbosa Leite, militar e então diretor da DEF. De fato, podemos questionar se estes eram os únicos textos de interesse sobre a temática e se sua escolha não foi influenciada, por exemplo, pelo próprio cargo de Inezil Penna Marinho como chefe da Seção Técnico-pedagógica da DEF. Em todo caso, esta iniciativa ocorreu previamente a realização do II Congresso Panamericano de Educação Física e, ao que aparenta, buscava encontrar o mais rápido possível respaldo para uma definição que solucionasse o problema a nível nacional e, quiçá, internacional.

Infelizmente, dadas as limitações da pesquisa, não sabemos qual foi o efeito prático desta decisão. Como afirma Robert Darnton (1996 apud MOTA, 2019), a adesão de uma comunidade em torno das ideias que são tornadas públicas pelos editores e articulistas, a partir da luta pela opinião pública, é que vai constituir a verdadeira luta pelo poder. Nesse sentido, devemos tomar o devido cuidado ao percebermos que, apesar das prescrições e representações feitas no periódico e, efetivamente, intencionadas pelo periódico, sua validação na realidade concreta só é possível a partir da somatória de outros indícios e fontes.

Seja como for, finalizamos este presente trabalho com um trecho proferido pelo Professor Ovídio Silveira Souza, Inspetor da Divisão de Educação Física, na 13ª edição do Boletim, publicada em 1955, isto é, aproximadamente 10 anos após os eventos anteriormente descritos:

**Como sabemos, é necessário que os grupos tenham organização homogênea, tanto quanto possível**, isto é, que os elementos que os compõem possuam mais ou menos o mesmo valor psico-somático. Há necessidade do equilíbrio desses valores entre os integrantes de uma mesma turma. Seria o ideal se a seriação escolar coincidissem com os grupos organizados para as sessões de exercícios físicos. **A esse ponto, todavia, estamos longe de chegar, devido à influência de múltiplos fatores** (SOUZA, 1955, p.11 – grifo nosso).

---

<sup>40</sup> Estes ideais do periódico foram bem definidos pelo Major Barbosa Leite na abertura da primeira edição do periódico. Ver página 36.

## FONTES HISTÓRICAS

ARAÚJO, Paulo. VI conferência: o exame médico-biométrico. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n.1, p. 91-97, jun. 1941<sup>a</sup>.

ARAÚJO, Paulo. VIII conferência: o grupamento homogêneo. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 109-115, jun. 1941b.

BIOMETRIA: instruções para o Serviço Médico de Educação Física nos estabelecimentos de ensino: instruções baixadas pelo Departamento Nacional do Ensino do Ministério da Educação. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 38-44, nov. 1939.

BRASIL. Portaria do Ministério da Educação e Saúde Pública nº 70, de 30 de junho de 1931. **Diário Oficial [dos] Estados Unidos do Brasil**, Capital Federal, 31 jul. 1931. p. 12405 a 12427. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br>. Acesso em: 4 jun. 2023.

BRASIL. Portaria do Ministério da Educação e Saúde nº 161, de 11 de maio de 1939. **Diário Oficial [dos] Estados Unidos do Brasil**, Capital Federal, 25 ago. 1939. p. 20465- 20476. Disponível em: <http://biblioteca.in.gov.br>. Acesso em: 4 jun. 2023.

COLOMBO, Alfredo. A organização de classes em educação física: sôbre “o eterno problema do grupamento homogêneo”. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 11, p. 47-53, dez. 1944.

COLOMBO, Alfredo. Discurso de posse do atual diretor da D. E. F. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 13, p. 5-6, jul. 1955.

CONCLUSÕES FINAIS do 1 Congresso Pan-Americano de Educação Física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 7, p. 7-14, ago. 1943.

DADOS estatísticos sobre a educação física no ensino secundário. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 6, p. 64-79, abril. 1943.

ESTADO-MAIOR do Exército. Regulamento de Educação Física: primeira parte. Rio de Janeiro: Biblioteca da “A Defesa Nacional”, 1934.

LEITE, Barbosa. Apresentação. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3-4, jun. 1941a.

LEITE, Barbosa. Apresentação. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 5, jun. 1941b.

LEITE, Barbosa. Apresentação. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano II, n. 4, p. 5, jun. 1942a.

LEITE, Barbosa. Apresentação. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano II, n. 11, p. 5, dez. 1944a.

LEITE, Barbosa. A nova organização administrativa da Divisão de Educação Física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano II, n. 4, p. 17-20, mar. 1942b.

LEITE, Barbosa. Grupamento homogêneo. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 11, p. 41-42, dez. 1944b.

MARINHO, Inezil Penna. O conceito bio-sócio-filosófico da Educação Física em oposição ao conceito anátomo-fisiológico. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 10, p. 7-29, ago. 1944a.

MARINHO, Inezil Penna. O eterno problema do grupamento homogêneo. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 11, p. 13-39, dez. 1944b.

MARINHO, Inezil Penna. O eterno problema do grupamento homogêneo. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 11, p. 57-63, dez. 1944c.

PEREGRINO JUNIOR. Aspectos modernos do fichamento biométrico em educação física. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 72, p. 44-46, jan./fev. 1943.

PEREGRINO JUNIOR. O eterno problema do grupamento homogêneo. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 11, p. 7-12, dez. 1944a

PEREGRINO JUNIOR. O eterno problema do grupamento homogêneo. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 11, p. 43-46, dez. 1944b.

RAMALHO, Sette. Determinação da idade fisiológica das crianças pelos dados antropológicos registrados graficamente: método francês. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 31, p. 2-3, ago. 1936.

ROCHA VAZ, Juvenil. **Novos rumos da medicina**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1932.

SEGUNDA CONFERÊNCIA realizada pela Divisão de Educação Física para os inspetores de ensino. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 43, p. 36, out. 1938.

SOUZA, Ovídio Silveira. Inspeção em educação física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 13, p. 7-17, jul. 1955.

SUGESTÕES para programas de educação física destinados às escolas primárias. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 8, p. 7-43, dez. 1943a.

SUGESTÕES para programas de educação física destinados às escolas primárias. Capítulo II. O que a sociedade política exige da criança no período correspondente à escola primária. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 8, p. 11-13, dez. 1943b.

SUGESTÕES para programas de educação física destinados às escolas primárias. Capítulo IV. Como os exercícios físicos poderão contribuir para o melhor desenvolvimento da criança na escola primária. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 8, p. 31-42, dez. 1943c.

VASQUEZ, Cesar. Conferencia pronunciada pelo Prof. Cesar Vasquez, Diretor Geral de Educação Física da República Argentina, na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 65-77, dez. 1941.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BRUSCHI, M. **Entre a França e o Brasil: criação, circulação e apropriações do Método Francês de Educação Física (1931-1960)**. 2019. 328 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.
- CANTARINO FILHO, Mario Ribeiro. **Educação física no Estado Novo: história e doutrina**. Brasília: Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 1982.
- CARVALHO, Danila Freitas. **O inquérito sobre o problema da educação física no Brasil: a trama e o processo de implementação do Método Francês (1929)**. Horizonte, 2009. 64 folhas. TCC (graduação em Educação Física). Universidade Federal e Minas Gerais, 2009;
- CASSANI, Juliana Martins. **Da imprensa periódica de ensino e de técnicas aos livros didáticos da educação física: trajetórias de prescrições pedagógicas (1932- 1960)**. 2018. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.
- CASSANI, Juliana Martins; FERREIRA NETO, Amarílio; SANTOS, Wagner dos. Perfis editoriais e a construção de significados em impressos da educação física (1932-1960). **Educação e Pesquisa**, v. 47, 2021.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- DALBEN, André. Inezil Penna Marinho: formação de um intelectual da educação física. **Movimento**, v. 17, n. 1, p. 59-76, 2011.
- DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação (PUCRS. Impresso)**, Porto Alegre, v.32, p.185-191, 2009.
- DARNTON, Robert. Introdução. In: DARTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs.). **Revolução impressa: a imprensa na França – 1775-1800**. São Paulo: EDUSP, 1996, p.15-17.
- DA SILVA QUEIROZ, Kauê Fabiano; CANCELLA, Karina. A implementação do regulamento n 7 de educação física no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 32, n. 3, p. 379-389, 2018.
- DE LUCA, Tania Regina. História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-153.
- FERREIRA NETO, A. Publicações periódicas de ensino, de técnicas e de magazines em educação física e esporte. In: DACOSTA, L. P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 776-777.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, p. 197-223, 2001.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Coletânea de textos**. UFRGS, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a educação física no Brasil: da caserna à escola**. 2021.
- HORTA, José Silvério Baía. **O Hino, O sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.
- JÚNIOR, Edivaldo Góis. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento**, p. 139-159, 2013.
- LE GOFF, Jacques (org). **A História Nova**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MELO, Victor Andrade. INEZIL PENNA MARINHO E A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS/UFRJ. **Arquivos em Movimento**, v. 4, n. 2, p. 179-188, 2010.
- MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. O Brazil-Medico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 209-219, 2008.
- MONTEIRO, Vitor José da Rocha et al. **Educação física em perspectiva histórica: publicações periódicas nas décadas de 1930 e 1940**. 2013.
- MOTA, Wesley da. **Boletim de Educação Física da Divisão de Educação Física: das ações internas às proposições práticas para a disciplina (1941- 1945)**. Curitiba, 2019. 75 folhas. TCC (Graduação em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, 2019.
- OLIVEIRA, Antonio Sergio Francisco et al. Inezil Penna Marinho: lugares e práticas em periódicos da educação física. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 575-590, 2015.
- PARADA, M. Corpos físicos como corpos cívicos: práticas desportivas e Educação Física no Brasil sob o Estado Novo. In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos. **Memória social dos esportes: futebol e política. A construção de uma identidade nacional**. v. 2. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006. p. 155-184.
- RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação?. **Educar em Revista**, Curitiba, n.18, 2001, p.13-28.
- ROCHA, Fabiano Ayub. **Fisiologia, antropometria e escolarização: práticas discursivas e lutas de representações na educação física em impressos entre as décadas de 1930 e 1940**. 2022. 249 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.
- SANTOS, Edilson Laurentino dos. **A educação do corpo nas décadas de 30 e 40: fragmentos do método natural de Georges Hébert na educação física brasileira**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, André Luiz Dos S. Apontamentos sobre a inserção do saber biotipológico na escola de educação física do exército. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, 2016.

SOARES, Carmen Lúcia. Notas sobre a educação no corpo. **Educar em Revista**, n. 16, p. 43-60, 2000.

SOARES, Carmen Lúcia. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. **Movimento**, v. 9, n. 3, p. 125-147, 2003.

VIMIEIRO-GOMES, Ana Carolina. A emergência da biotipologia no Brasil: medir e classificar a morfologia, a fisiologia e o temperamento do brasileiro na década de 1930. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, p. 705-719, 2012

VIMIEIRO-GOMES, Ana Carolina. Biotipologia, regionalismo e a construção de uma identidade corporal brasileira no plural, década de 1930. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 23, p. 111-130, 2016.

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DOS CASOS: FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

| Descrição   |
|---|
| <p>1º) Quando de nossa recente estada em Buenos Aires, por ocasião do Primeiro Congresso Argentino de Educação Física, em dezembro de 1943, tivemos oportunidade de conhecer o magnifico trabalho que vem sendo realizado no Asilo Instituto Remel Rosell, onde aos cegos internados se proporcionam exercícios físicos sistematizados e jogos. O professor Armando Mário Morti, a cargo de quem se encontra a orientação neste setor, narrou-me o caso comovente de um cego que houvera sido um grande jogador de pelota e que, segundo a opinião dos oftalmologistas, jamais poderia recobrar a visão. Os médicos lhe haviam proscrito qualquer atividade física, uma vez que esta lhe produzia sempre ligeira inflamação nos olhos. Ciente disto, o cego não se conteve e replicou:</p> <p>- Senhores, se é verdade que nunca mais poderei ver, não me privem da única coisa que ainda me proporciona algum prazer: o meu jogo de pelota. Por favor, deixem-me jogar!</p> <p>Tão comoventes palavras evidenciam bem o estado d'alma dêsse cego que nada mais esperava do mundo a não ser jogar um pouco de pelota, momentos em que podia esquecer a imensa tristeza que o acabrunhava.</p> |
| <p>2º) Em São Paulo, por ocasião de uma das visitas que fizemos ao Clube de Menores Operários D. Pedro II, o professor Alceu Maynarde Araujo, a cargo de quem se encontra a direção do referido Centro, apresentou-nos um adolescente, que atendia pela alcunha de "Espanhol", como sendo um dos seus mais prestimosos auxiliares. Relatou-nos, depois que o menor por largo tempo se dera a prática do futuro, chegando mesmo a ser, por vezes, preso: fôra levado ao Centro por um vizinho, tendo êste tido o escrúpulo de relatar ao professor o péssimo costume do camarada. O Espanhol mostrou-se encantado com o Clube e, após preencher algumas formalidades, nele obteve matrícula. Durante algum tempo esteve sob observação, sendo encarregado de vários trabalhos de relativa responsabilidade, a título de experiência. Nunca cometeu qualquer deslize no C. M. O., chegando a ponto de auxiliar eficazmente o professor Maynard Araujo, de</p>   |



quem se tornou grande amigo e era o mais fervoroso admirador. Nos Clubes de Menores Operários, a par de outras atividades educacionais, predomina a prática dos exercícios físicos sistematizados e dos desportos. E o professor Maynard Araujo não poucas vezes nos afirmou que o Clube já havia desviado da Penitenciária dezenas de jovens, cuja falta de orientação para emprego das horas de lazer constituía o maior perigo à sociedade.

3º) Quando de nossa viagem ao Estado de Santa Catarina, em missão oficial, visitámos, acompanhados do Dr. Paulo Araujo, médico assistente da Divisão da Educação Física, a Colônia de Santa Tereza, monumental realização da administração Nereu Ramos, fomos testemunha de um fato, cuja significação seria suficiente para a consagração das práticas desportivas. A Colônia está otimamente instalada, a 60 quilômetros de Florianópolis, e sua construção obedeceu a todos os requisitos da técnica moderna, podendo proporcionar uma vida realmente confortável aos doentes ali recolhidos. Dispõe de aparelhos de rádio em cada residência, igreja, cinema, e um magnífico estádio para diversas práticas desportivas. O diretor da Colônia era quem nos servia de cicerone e, embora a mesma ainda não tivesse sido inaugurada, já abrigava um grande número de doentes. Encontravamo-nos na pista do estádio, admirando-o, quando de nós se acercaram três ou quatro doentes. Vinham pedir ao diretor que lhes mandasse fornecer uma bola de foot-ball, a fim de que se pudessem distrair, pois ainda não estavam acostumados ao isolamento a que os obrigavam. E o que o rádio, o cinema e a própria igreja não tinham conseguido, uma simples bola de foot-ball lograva. Aqueles homens, muitos dos quais apresentavam horrendo aspecto físico, esqueciam a sua imensa dor, a diferença que entre eles e nós existia, abstraíam-se do negro mal que pouco a pouco, sorratamente, lhes ia corroendo as carnes, encontrando um lenitivo, senão para o corpo pelo menos para o espírito, numa prática desportiva, E, durante o jogo, corriam, saltavam, gritavam, riam, felizes, esquecidos de tudo, libertando a alma, do imenso peso que os acabrunhava, pelo menos por aqueles breves instantes.

Quanto pode uma simples bola de foot-ball! Esquecemo-nos de dizer que a Colônia de Santa Tereza é um recolhimento para leprosos.

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DOS CASOS: FUNÇÃO PSÍQUICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

| Descrição   |
|---|
| <p>1º) Certo estabelecimento ensaiava os seus alunos para um desfile, quando o diretor, aproximando-se de um menino, visivelmente coxo e que marchava com dificuldade, retirou-o de forma. Na verdade pareceria um ato de deshumanidade permitir que aquela criança marchasse dois ou três quilômetros na situação em que se encontrava. O menino saiu cabisbaixo, olhando para a sua perna mais curta, e sentou-se no muro do colégio. Apercebendo-me que a deshumanidade naquele caso não estava em fazer o aluno marchar dois ou três quilômetros, mas justamente em impedir que tomasse parte num desfile que para ele tinha a maior significação, porque, pelo menos momentâneamente, o fazia esquecer toda a extensão do seu defeito físico, aquela enorme diferença que existia entre êle e os seus colegas, acerquei-me da pobre criança e indaguei se desejava continuar a marcha entre os companheiros. A sua fisionomia se iluminou e ela balbuciou, fixando-me o olhar marejado de lágrimas que a custo continha, um "Sim", misto de alegria insopitável e profundo reconhecimento. Intercedí junto ao diretor, explicando-lhe a particularidade daquele caso e obtive que o menino retomasse o seu lugar na forma. Ao reiniciar a marcha o aluno olhou-me e, num sorriso, expressou a sua imensa gratidão.</p> <p>E, ainda por esta vez, a mais simples das atividades físicas - a marcha - trouxe um dos maiores benefícios ao espírito atribulado de uma inocente criança.</p> |
| <p>2º) Tínhamos a nosso cargo uma turma de vinte e dois alunos do internato de um colégio primário em Botafogo, entre os quais havia um débil mental, cujas atitudes eram as mais estranhas. Vivia segregado dos seus colegas para evitar as brincadeiras de mau gosto dêstes e as peças que lhe pregavam. Quase não falava e nas primeiras vêzes que lhe dirigíamos a palavra torcia os dedos, abaixava a cabeça e começava a rir. Possuía vários tics nervosos entre os quais os de cruzar os braços nas costas e esticar o pescoço para a frente; piscava amiudadamente e repuxava a boca para o lado esquerdo. O menino, soube depois, era filho espúrio de uma mulher de vida fácil; sua idade cronológica era de nove anos, mas a fisiológica</p>   |

corresponderia no máximo a sete. Durante dois meses e meio dedicamos a esse aluno cuidados especiais. pois estávamos interessados em observá-lo. Havíamos terminado recentemente o nosso primeiro curso especializado de educação física e sentimo-nos ansiosos para confirmar praticamente o que aprenderamos em teoria. Nos primeiros dias a criança mostrou-se retraidíssima, incapaz de fazer qualquer movimento e, por ocasião dos jogos que ministrávamos diàriamente, ficava a um canto imóvel.

Na segunda semana, embora não participasse das jogadas, torcia por esta ou aquela equipe, gritava e saltava entusiasmamente. Quando o jogo ministrado era foot-ball, na ocasião em que um dos participantes shootava a bola, o menino instintivamente acompanhava o movimento com a sua perna direita, como se também fosse shootar. Ao fim de três ou quatro semanas começou a tomar parte nos jogos e no mês seguinte a participar da atividade gímnica. Tivemos conhecimento, por intermédio do diretor, de que o menino aguardava diàriamente com ansiedade a nossa chegada e, por ocasião da nossa saída, acompanhava-nos sempre até o portão, despedindo-se sistematicamente com a invariável pergunta: - Amanhã o senhor, vem, não é?" Respondíamos afirmativamente, batendo-lhe amigavelmente nos ombros. Por ocasião das sessões de exercícios físicos que ministrávamos, podíamos observá-los à vontade. Perdera o habito de cruzar os braços às costas e de torcer os dedos, e, só muito raramente, nos intervalos de um exercício para outro, esticava o pescoço para frente, piscava os olhos e repuxava a boca no seu tic nervoso característico. As melhoras que apresentou foram tão sensíveis a ponto de chamar a atenção dos outros professores que também lhe votavam especial cuidado. Temos a certeza de que, se outros afazeres não nos tivessem obrigado a deixar o colégio em apreço, os resultados de nosso trabalho ao invés de parcial, teriam sido totalmente satisfatórios.

3º) Num outro colégio em que também tivemos exercício, havia um aluno paralítico de uma das pernas. O pai, que era médico, procurou-nos para que dispensássemos o menino dos exercícios, sob a alegação de que o mesmo se encontrava a cuidado de um grande médico e que o seu defeito físico o impedia de qualquer forma de trabalho. Objetamo-lhe que o fato de o aluno assistir às sessões de exercícios físicos, sem nela tomar parte, poderia fazer dêle um recalcado e que não era justo,

na nossa opinião, que a paralisia de um membro apenas relegasse ao abandono todo o organismo da criança, quando deveríamos, muito ao contrário, desenvolver qualidades físicas que suprissem a deficiência que apresentava. O pai mandou chamar o menino e, na nossa presença, perguntou-lhe se "queria fazer ginástica como os outros", obtendo resposta afirmativa. Iniciamos um regime de trabalhos físicos especiais com flexionamentos de braços, exercícios respiratórios e de equilíbrio sobre a perna sã: ensinamo-lhe as regras de vários jogos nos quais funcionava como juiz, dispondo, de grande autoridade sobre os demais. Prestigiavamo-lo de tal modo que os outros o ouviam com religiosidade: e era quem escolhia os teams, organizava os jogos e dirigia tudo enfim. Ele, que antes vivia inteiramente desprezado pelos seus colegas como inútil, passou a ser por todos considerado e estimado. Muitos começaram a ir à sua casa para com êle estudar e tal fato grande admiração causava a seu pai, que não podia compreender por que motivo aquela mudança se verificara. E, se nos dois meses que o tivemos sob nossa orientação, nenhum melhoramento conseguimos para a sua deficiência física, o conforto moral que lhe prestamos nos dá a certeza de termos realizado uma grande obra.